



O SÃO PAULO



SEMANÁRIO DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO
Ano 70 | Edição 3544 | 23 a 29 de abril de 2025

www.arquisp.org.br

www.osaopaulo.org.br | R\$ 3,00

Vatican Media - mai.2013



★ 17.12.1936
† 21.04.2025

Pontificado é marcado por gestos, palavras e reformas para aproximar a Igreja dos dilemas vividos pela humanidade; funeral começa na quarta-feira, 23; sepultamento será no sábado, 26

O adeus a Francisco, o Papa que propagou no mundo a 'alegria do Evangelho'

Após 12 anos de pontificado, o Papa Francisco faleceu no Vaticano, na manhã da segunda-feira, 21, aos 88 anos de idade.

Na Cátedra de São Pedro desde março de 2013, o cardeal argentino Jorge Mario Bergo-

glio "nos ensinou a viver os valores do Evangelho com fidelidade, coragem e amor universal, especialmente em favor dos mais pobres e marginalizados", disse o Cardeal Kevin Joseph Farrell, Camerlengo da Santa Igreja Ro-

mana, ao anunciar o falecimento do Pontífice.

Em missa na Catedral da Sé, o Cardeal Scherer destacou o exemplo de humanidade de Francisco e de serviço à Igreja.

Páginas 9 a 15 e 20

Editorial

O Papa da 'Igreja em saída' que sempre acolhe, serve, ama e perdoa

Página 3

Encontro com o Pastor

'Francisco deixou marcas que ajudarão a Igreja a se orientar no futuro'

Página 2

Jesus Cristo ressuscitou: a esperança renasce, a vida vence a morte

"A Ressurreição de Jesus é a vitória de Deus sobre o pecado e a morte", afirmou o Cardeal Odilo Pedro Scherer aos fiéis que lotaram a Catedral da Sé para a missa do Domingo da Páscoa da Ressurreição do Senhor, 20, assim como aconteceu nas ce-

lebrações do Tríduo Pascal também por ele presididas.

Na Missa do Crisma, na Quinta-feira Santa, 17, o Arcebispo exortou os sacerdotes a caminhar unidos à Igreja e em comunhão.

Páginas 5 a 7

Espiritualidade

Com a ajuda de Deus, podemos tomar a nossa vida nas mãos a cada recomeço

Página 4

Liturgia e Vida

Ele levou nossos pecados em Seu corpo e, por Suas feridas, fomos curados

Página 18

**CARDEAL
ODILO PEDRO
SCHERER**

Arcebispo
metropolitano
de São Paulo

Adeus, Papa Francisco

Francisco esteve muito atento às questões internas da vida da Igreja, para corrigir certos males e orientar para o bem toda a ação eclesial. Dedicou-se ao aprofundamento do testemunho evangélico de todos na Igreja; à coerência com as palavras de Jesus; ao exercício da autoridade como serviço, e não como busca e expressão de vaidades pessoais; à honestidade transparente em tudo; à valorização da participação de todos os membros na vida e missão da Igreja. Desencadeou processos para tornar nossa Igreja, na prática, sempre mais sinodal, em comunhão, participação e missão. Importou-se muito com a melhora na pregação da Palavra de Deus, na boa celebração da Liturgia e na acolhida de todos na Igreja. Lembrava sempre que a Igreja precisa ser como um hospital de campo, para acolher os feridos e cuidar deles; que, na Igreja, há lugar para “todos, todos, todos”, e não apenas para os que já são considerados bons e salvos. Nisso lembrava a resposta de Jesus aos que O criticavam porque acolhia todo tipo de gente e até entrava na casa de pecadores públicos e tomava refeição com eles: “Não vim chamar os justos, mas os pecadores. Os doentes é que têm necessidade do médico, e não os que têm saúde”.

A atenção pastoral do Papa Francisco não se voltou apenas para a vida interna da Igreja: esteve atento aos problemas do mundo e interveio muitas vezes contra a corrida armamentista e as guerras, em favor da solução dos conflitos mediante o diálogo e a negociação, para alcançar uma paz consolidada; tomou posição firme na

defesa dos migrantes e refugiados, diante do fechamento de fronteiras, da rejeição e discriminação aos migrantes; falou duro contra a concentração da economia em mãos cada vez menos numerosas e fechadas, desatenta diante das necessidades fundamentais dos povos e com o fim de acumular mais e mais riquezas e privilégios; falou contra os diversos tipos de discriminação e violência que se cometem contra as pessoas por questões de gênero, raça, condição social, religião ou cultura; teve uma posição firme e clara em relação aos cuidados da “casa comum”, nosso planeta Terra e a natureza que nos abriga, alimenta e alegra; colocou parâmetros éticos e teológicos que devem nortear nossa relação e interferência com a natureza, que é um bem para todos.

Em seu pontificado, Francisco deixou marcas que certamente ajudarão a Igreja a se orientar no futuro, pois estão solidamente embasadas no Evangelho e no ensinamento tradicional da Igreja. Nestes dias de luto e despedida dele, damos graças a Deus pela vida desse primeiro Papa Jesuíta e Latino-Americano, que já foi descrito como “fruto maduro da Igreja da América Latina”, compartilhado com a Igreja e a humanidade inteira. A Igreja de Cristo caracteriza-se pela partilha de seus dons, para que beneficiem os irmãos e a missão, e não apenas nos seus próprios espaços, mas onde se faz necessário, no mundo inteiro.

Nestes dias do funeral do Papa, da preparação e da realização do conclave, todos os católicos são convidados a se

unir em oração ao Espírito Santo pela Igreja e pela eleição do novo Pontífice. A escolha do novo Papa é um ato eclesial, feito no contexto da fé e da missão da Igreja. Não é um simples ato “político”, embora muitos assim o interpretem. A Igreja reza com fé e pede ao Espírito Santo, que a conduz e anima na sua missão, para que manifeste o desígnio de Deus por meio do discernimento que os cardeais devem fazer na escolha do novo Papa. Nós cremos que o Espírito Santo age desta forma: quando o invocamos e pedimos suas luzes, abrindo-nos às suas inspirações com sinceridade e na busca do verdadeiro bem da Igreja.

No momento atual, a Igreja Católica precisa unir-se mais e mais em torno de sua fé, de sua missão e de seus pastores. Infelizmente, a polarização ideológica e política entrou também no convívio eclesial, com consequências, divisões e cismas desastrosos. Precisamos unir-nos novamente em torno do que tem peso maior do que as opções partidárias e ideológicas: a nossa fé comum, nossa pertença à mesma Igreja, nosso seguimento do mesmo Mestre, Senhor e Salvador. E, assim, unidos e em comunhão, como Igreja, poderemos dedicar-nos com mais liberdade e fruto à missão comum. Deixemo-nos surpreender pela Providência de Deus. Quem for legitimamente eleito, será o Papa de todos os católicos e assumirá a missão que lhe é própria. Existe a seguinte convicção na vida da Igreja: para cada momento da vida da Igreja, Deus manda o Papa certo. Não será diferente desta vez.

O Papa Francisco, peregrino de esperança, terminou seu peregrinar por este mundo no início da manhã da segunda-feira na Oitava da Páscoa. Todos sabíamos que sua saúde estava abalada e seu estado era delicado, mas não se esperava um final tão rápido de sua vida. Conforme informações médicas, ele faleceu de insuficiência respiratória aguda e de AVC. Seu organismo, muito exigido e debilitado pelo longo tratamento, não aguentou mais e o Papa faleceu. Como todos os mortais, os papas também falecem.

A morte de Francisco causou grande comoção em muitos lugares, pois era muito estimado por católicos e não católicos. Eleito Bispo de Roma e Sucessor do apóstolo Pedro em março de 2013, ele serviu à Igreja como Sumo Pontífice durante algo mais que 12 anos, promoveu reformas importantes na Igreja, deu-lhe um novo impulso missionário, teve um olhar privilegiado para as periferias geográficas, sociais e eclesiais, combateu a guerra, a violência, o tráfico de armas e o aviltamento da dignidade humana, sobretudo nas massas de descartáveis da sociedade.



Vatican Media/Arquivo

Editorial

O Papa que anunciou a alegria do Evangelho

Escolhido pelos cardeais da Santa Igreja, pela ação do Espírito Santo, para a Cadeira de São Pedro no conclave de 13 de março de 2013, o cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio adotou o nome de Francisco para se fazer próximo aos pobres – como o Santo de Assis – e sonhou uma Igreja “que acolhe, serve, ama, perdoa, sem nunca exigir antes um atestado de boa conduta. Uma Igreja com as portas abertas, que seja porto de misericórdia”, conforme declarou na missa de conclusão da assembleia sinodal em outubro de 2023.

Em seus 12 anos de pontificado, Francisco protagonizou marcantes encontros com os pobres, doentes, migrantes, idosos, jovens, encarcerados, pessoas com deficiência, e fez firmes alertas sobre a degradação do meio ambiente pela ação humana, especialmente na encíclica *Laudato si'*, publicada em 2015.

O primeiro Papa latino-americano da história também iniciou re-

formas na Igreja, não por caminhos disruptivos, mas pelo amplo diálogo, seja ouvindo o conselho de cardeais para reorganizar as estruturas da Cúria Romana, a fim de torná-la mais servidora e colaborativa com a Igreja global; seja pelo Sínodo sobre a Igreja Sinodal (2021-2014), no qual enfatizou a natureza missionária e misericordiosa da “Igreja em saída”, irradiadora da alegria do Evangelho “que preenche o coração e a vida inteira dos que se encontram com Jesus”, conforme escreveu na *Evangelii gaudium*, sua primeira exortação apostólica publicada em 2013. Esse caminhar juntos também foi visto nos sínodos sobre a Família (2015-2016), sobre os Jovens (2018) e para a Amazônia (2019). Ele acreditava, firmemente, que na Igreja o caminho se faz entre irmãos, com confiança mútua na unidade, respeitando as diferenças.

Francisco também fez os líderes mundiais se atentarem para as periferias geográficas e existenciais,

criticou a “cultura do descarte” que degrada o meio ambiente, mata nascer e põe fim à vida de idosos e doentes. Usando linguagem simples e gestos fraternos, foi ao encontro daqueles que estão à margem da sociedade. Sem mudar as questões de fé e moral, também procurou curar as feridas, com diferentes atitudes de acolhimento àqueles que se sentiam afastados da Igreja ou por ela machucados por erros passados.

O 266º Papa da Igreja Católica exergou um mundo com a paz fragilizada. Dizia que estamos vivendo a “Terceira Guerra Mundial em pedaços”, enfatizava que a “guerra é sempre um mal” e que os únicos vencedores são “os vendedores de armas”. Francisco colocou a estrutura diplomática da Santa Sé a serviço dos povos atingidos pelos conflitos, tentou esforços de mediação e rezava diariamente pela paz, mesmo quando esteve hospitalizado. Em seu testamento espiritual, ele ofereceu ao Senhor o sofrimento de sua parte final de vida

“pela paz no mundo e pela fraternidade entre os povos”.

No Domingo da Páscoa da Ressurreição do Senhor, já com a respiração ofegante e voz rouca, Francisco abençoou os fiéis na Praça São Pedro e desejou-lhes feliz Páscoa. E, pela última vez, a multidão ouviu sua mensagem – por ocasião da bênção “*Urbi et Orbi*” – lida por Dom Diego Giovanni Ravelli, mestre de Celebrações Litúrgicas Pontificias: “Cristo ressuscitou! Neste anúncio encerra-se todo o sentido da nossa existência, que não foi feita para a morte, mas para a vida. A Páscoa é a festa da vida! Deus criou-nos para a vida e quer que a humanidade ressurja!... Gostaria que voltássemos a ter esperança e confiança nos outros... a ter esperança de que a paz é possível!”. Demos graças a Deus pelo pontificado de Francisco e oremos pela Igreja, que continuará a ser dirigida pela ação do Espírito Santo e unida na figura do próximo Romano Pontífice.

Opinião

Os 25 anos do Domingo da Misericórdia

MARCELO CYPRIANO MOTTA

Dois temas, sobretudo, ligam o Jubileu do Domingo da Misericórdia ao momento atual de renovação da Igreja: seu significado diante do processo sinodal e seu simbolismo à luz do Jubileu 2025, isto é, a *conversão e a esperança*. Disto se constata que o campo da não recepção do Domingo da Misericórdia vai se estreitando cada vez mais, e a própria compreensão do estilo sinodal da Igreja torna-se deficitária.

Há uma mística pascal da misericórdia subjacente ao *Documento final* (DF) do Sínodo sobre a sinodalidade – guiado pelos relatos evangélicos da Ressurreição (cf. DF 12), uma vez que já no início é citada a aparição de Jesus aos discípulos na noite da Páscoa, na qual “*mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos se alegraram por ver o Senhor*”: Jo 20,19-20 – Evangelho do Segundo Domingo da Páscoa ou Domingo da Divina Misericórdia. Segundo o DF, contemplando o Ressuscitado, nos sentimos envolvidos pela sua misericórdia e tocados pela sua beleza, pois cada novo passo na vida da Igreja é um regresso à fonte, na qual devemos fixar o olhar (cf. DF 1-2). O Ressuscitado é a fonte da misericórdia, efusão do maior misté-



Arte: Sergio Ricciuti Conte

rio e atributo de Deus, celebrado no Domingo na Oitava da Páscoa, como um grande convite à conversão ao Cristo pascal e misericordioso, para que nos reconheçamos *misericordiosos*, como anela o Papa Francisco. Não pode haver conversão – especialmente a conversão sinodal – sem a referência à misericórdia, como parece reconhecer o DF.

A celebração do Domingo da Misericórdia na oitava pascal tem como pressupostos princípios da continuidade substancial: o princípio conciliar do progresso da Tradição (cf. *Dei Verbum*, DV 8) e o princípio do desenvolvimento orgânico da liturgia (cf. *Sacrosanctum Concilium*, SC 23). Houve um crescimento na compreensão que tende à verdade plena, cuja riqueza entra na prática e na vida da

Igreja *crente e orante* (cf. DV 8), visando ao equilíbrio da relação fé-liturgia. Nesse sentido, o DF destaca a “fé pascal” (14 e 24) e, ao mesmo tempo, nos concede a força desta bela sentença: “A mesa da graça e da misericórdia já está posta para todos e a Igreja tem a missão de levar este esplêndido anúncio a um mundo em mudança” (DF 153). Há nisso um profundo nexo com o Domingo da Misericórdia.

No pensamento de São João Paulo II é central a ideia da onipotência da misericórdia divina como “limite imposto ao mal”; por isso – ele explicou em seu último livro, *Memória e identidade* –, Santa Faustina associou sua mística da misericórdia ao mistério da Páscoa, quando Cristo se apresenta vitorioso sobre o pecado e a morte. Na homilia das Exéquias,

acrescentou o Cardeal Ratzinger: “Ele interpretou para nós o mistério pascal como mistério da misericórdia divina”, resumindo o significado do Domingo da Misericórdia. Este se incorpora à antiga mensagem batismal e mistagógica do *Domingo in albis*, segundo o testemunho de Bento XVI (cf. Carta no centenário de nascimento de São João Paulo II, 4/5/2020).

Foi uma surpresa do Espírito Santo que, no Grande Jubileu de 2000, se instituisse a *memória* da “Divina Misericórdia” no Dia da Ressurreição: “A Misericórdia Divina! Eis o dom pascal que a Igreja recebe de Cristo ressuscitado e oferece à humanidade no alvorecer do terceiro milênio” (São João Paulo II, Homilia no Domingo da Misericórdia, 2001), como sua única fonte de esperança. A criação dessa festa tem grande valor simbólico, e, como “profecia do futuro”, deverá ser celebrada muito especialmente nos jubileus ordinários da Igreja, quando também aniversária, pois seu conteúdo sempre aprofundará o sentido de renovação desses anos jubileares.

Marcelo Cypriano Motta é advogado, contemplado com a Medalha São Paulo Apóstolo 2018, atua na “Promoção da Cultura da Misericórdia”.

Comportamento

Vamos ao encontro do invisível, mas essencial à vida

ALECSANDRO A. DE SOUZA

A Páscoa é o cume da liturgia. Aí está a síntese de nossa crença. São Paulo a resume nesta expressão, tantas vezes repetida: “Se Cristo não ressuscitou, vã é a nossa fé” (1Cor 15,17), como escrevia o Cardeal Eugenio de Araujo Sales, na Páscoa de 1988.

Dom Eugenio, ainda, destacava: “O fato rigorosamente histórico é contestado pelas forças do Maligno, mas, evidentemente, sem resultado. A vitória de Cristo sobre a morte, alcançando a Redenção do gênero humano, começa a ser comemorada na noite de sábado. Ela é chamada, por Santo Agostinho, de ‘Mãe de todas as vigílias’. E culmina com o esplendor do domingo de Páscoa”.

A liturgia católica vem em nosso auxílio para vivermos a Oitava da Páscoa e o tempo de Páscoa que dura 50 dias (sete vezes sete dias), de maneira riquíssima. Assim como vivemos o tempo de Quaresma em preparação para a Páscoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, agora se inicia um novo tempo que inclui, em primeiro lugar, o Domingo de Páscoa com os sete dias seguintes (que culminam no Domingo *in Albis*, chamado hoje da Divina Mi-

sericórdia) e continua por mais 40 dias até a Ascensão, para terminar no 50º dia, em Pentecostes.

Podemos pensar: como viveram os primeiros cristãos esse período? Coloquemo-nos na cena dos Santos Evangelhos. Traga à sua memória o que vivemos na liturgia da Semana Santa, do Domingo de Ramos até a Páscoa. Pare de ler por um instante este texto e, em seguida, faça-se a seguinte questão: se fosse você um dos apóstolos ou um dos discípulos, quem você seria? Qual papel assumiria? E coloque-se, novamente, na cena. Se Cristo lhe dissesse: “Agora é com você, ide e pregai o Evangelho a todas as criaturas”, o que faria?

Nesse período, vale também meditar sobre a instituição da Eucaristia. Imaginemos a cena. Depois do convívio intenso por cerca de três anos, na Última Ceia, os apóstolos e discípulos recebem um encargo sem precedentes, dado pelo próprio Cristo. Agora, eles precisam transmitir às gerações de sua época e às futuras gerações, uma nova forma de estarmos com Jesus Cristo, de vivermos com o Cristo e de Ele estar presente conosco, pelo decorrer dos séculos, até Ele voltar.

Novamente, se fosse você, o que faria?

Paremos e pensemos em todo o desenvolvimento da Igreja Católica até chegar àquilo que chamamos de pilares que sustentam a fé – **a Tradição, a Sagrada Escritura e o Magistério** – é preciso reconhecer o trabalho daqueles que nos precederam e, sobretudo, termos presente que cabe à nossa geração dar continuidade e defender o depósito de nossa fé.

Não podemos ignorar a história da Igreja Católica. Precisamos atualizar como transmitir as verdades da fé para torná-la acessível, como por exemplo, o Papa Bento XVI o fez, por ocasião de um encontro com as crianças, em 2005 sobre a Eucaristia. Uma delas, chamada André, perguntou: “Papa, ao preparar-me para o dia da primeira Comunhão, a minha catequista disse que Jesus está presente na Eucaristia. Mas como? Eu não o vejo!”

A resposta do Papa Bento XVI foi a seguinte: “Não, não O vemos, porém são muitas as coisas que não vemos, mas que existem e são essenciais. Por exemplo, não vemos a nossa razão, mas nós temos uma razão. Não vemos a nossa inteligência, mas temos uma inteligência. Em uma palavra, não vemos a nossa alma e, no entanto, ela

existe e vemos os seus efeitos, porque podemos falar, pensar, decidir etc.

[...]

Em resumo, as coisas mais profundas, aquelas que realmente sustentam a vida e o mundo, nós não as vemos, mas podemos ver e sentir os efeitos que produzem. Não vemos a eletricidade, a corrente elétrica, mas vemos a luz. E assim por diante. Assim acontece com o Senhor ressuscitado: não O vemos com os nossos olhos, mas vemos que onde Jesus está, as pessoas mudam, tornam-se melhores. Cria-se maior capacidade de paz, de reconciliação etc.

Portanto, não vemos o Senhor em carne e osso, mas vemos os efeitos que Ele produz: compreendemos, assim, que Jesus está presente. Como disse, exatamente as coisas invisíveis é que são as mais profundas e importantes. Por isso, vamos ao encontro desse Senhor invisível, mas poderoso, que nos ajuda a viver bem”.

Que Nossa Senhora, Maria Santíssima, interceda por nós junto ao Paráclito, o “Deus desconhecido”, invisível aos nossos olhos, para que venha aos nossos corações e com a Sua graça, renovemos a face da terra.

Alecsandro A. de Souza é administrador de empresas

Espiritualidade

Tomar o destino nas mãos



DOM ROGÉRIO AUGUSTO DAS NEVES
BISPO AUXILIAR DA ARQUIDIOCESE NA REGIÃO SÊ

Quando alguma coisa não dá certo nos planos que fizemos, uma história se encerra na metade e outra história nova precisa começar. Os planos não dependem de uma só pessoa. Dependem de circunstâncias alheias à nossa vontade e capacidade. Por mais poder que uma pessoa tenha, mais dia menos dia, algum obstáculo intransponível aparecerá. Então, a cada plano que fazemos, é preciso que haja uma reserva também para os fracassos e as falências.

Pode-se dizer que o inesperado deveria fazer parte de nossos planos. Mesmo o planejamento que não depende dos outros, o que toca nas decisões pessoais, também esse não é absoluto. Até aí devemos lembrar que não somos autores da nossa própria vida. Nem sabemos quanto tempo temos nesta vida e neste mundo. No entanto, vale a pena investir na direção pessoal e na vida interior. Mas, não há como blindar a nossa vida das frustrações.

Na realidade, o inesperado faz parte da história e deveria fazer parte também dos planos. Nada mais realista! A consciência de que os planos mais promissores são também provisórios poderá nos ajudar a recomeçar sempre. E, mais do que corrigir a história, estaremos prontos para recomeçar. É assim que nos renovamos diariamente. Os erros e obstáculos acabam nos impulsionando a dar passos que não tínhamos pensado. Às vezes, esses passos podem ser os mais acertados e inovadores que alguém possa dar.

Nossa vida está em nossas mãos, mas não somente nas nossas. Está também nas mãos dos outros. E, sobretudo, está nas mãos de Deus. Mas, a cada recomeço, podemos tomá-la nas mãos novamente, com muito cuidado e respeito. E podemos, inclusive, entregá-la como oferta diária, como sinal de gratidão. Enfim, como o reconhecimento de que, na vida, estamos sempre administrando e cultivando os dons que recebemos, porque alguém nos ofertou tudo, absolutamente tudo o que temos.

Lembro-me do Evangelho e do confronto pessoal havido entre Jesus e Judas Iscariotes (cf. Mt 26,14-25). Judas foi ter com os sumos sacerdotes e disse: “O que me dareis se vos entregar Jesus?” Combinaram, então, 30 moedas de prata. E daí em diante, Judas procurava uma oportunidade para entregar Jesus. A partir daí, a traição esta-

va em curso. Judas permanecia ao lado de Jesus para executar o seu plano. Mas, a história da traição a Jesus trouxe um elemento novo: Ele sabia que seria traído e sabia até por quem. Ao cair da tarde, Jesus pôs-se à mesa com os doze apóstolos. Enquanto comiam, disse: “Em verdade, eu vos digo, um de vós vai me trair”. Eles ficaram muito tristes e, um por um, começaram a lhe perguntar: “Senhor, será que sou eu?” Então Judas, o traidor, perguntou: “Mestre, serei eu?” Jesus lhe respondeu: “Tu o dizes”. A traição, portanto, estava descoberta. O que significava que, tanto para Jesus quanto para Judas, as coisas poderiam tomar caminhos diferentes a partir daquele confronto. Judas sabia que tinha sido descoberto, e podia ter voltado atrás. A resposta de Jesus “Tu o dizes” podia ser entendida como “depende de você”. Por outro lado, o fato de Jesus saber que estava sendo traído podia ter provocado Nele uma mudança de planos: Ele podia ter fugido. Mas, não o fez! E Judas também não desistiu de seu plano. Cada um deles assumiu o risco e as consequências do que tinha decidido interiormente. Da parte de Judas, isso fez dele um traidor. Da parte de Jesus, consumou sua definitiva decisão de obedecer à vontade do Pai e entregar sua vida pela salvação do mundo. Cada um deles tomou o próprio destino nas mãos.

Você Pergunta

Qual a relação de Santa Faustina com o Terço da Divina Misericórdia?

PADRE CIDO PEREIRA
osaopaulo@uol.com.br

A Dalva, da Vila Gustavo, me escreveu dizendo ter visto uma imagem de Santa Faustina no Mosteiro da Luz e que gostaria de conhecê-la melhor. Minha irmã, em outros anos já falei sobre a Santa e da relação dela com o Terço da Divina Misericórdia.

A Santa Faustina que eu conheço é aquela religiosa polonesa que fez do anúncio da misericórdia de Deus uma missão exclusiva de sua vida. Ela nasceu em Glogowiec, na Polônia, em 25 de agosto de 1905, e sua família era profundamente religiosa. Faustina desde criança sonhou consagrar-se a Deus e trilhar o caminho da santidade.

Com 16 anos, foi trabalhar como doméstica em uma casa de família. Ela só conseguiu entrar para um convento em 1925, quando ingressou na congregação das Irmãs da Bem-Aventurada Maria da Misericórdia, que se dedica à educação da juventude e à assistência de mulheres necessitadas de renovação espiritual.

Faustina passou por diversas casas de sua congregação nas quais exerceu humildemente as funções de cozinheira, jardineira e porteira. Sua vida espiritual era intensa. Em 1934, Jesus a escolheu para ser apóstola de sua misericórdia. Ela aceitou e ofereceu-se a Deus pelos pecadores, por aqueles que perderam a esperança na misericórdia divina. Faustina criou o Terço da Divina Misericórdia, a partir das iluminações que teve na década de 1930, com o propósito de que os fiéis fortaleçam a confiança na misericórdia de Deus. A religiosa morreu em 5 de outubro de 1938, consumida pela tuberculose, em Cracóvia. Foi beatificada em 18 de abril de 1993, e canonizada em 30 de abril de 2000.

Fique com Deus, Dalva. Que Ele abençoe você, pela intercessão de Santa Faustina.

Na Missa do Crisma, Dom Odilo exorta sacerdotes a caminhar unidos à Igreja e em comunhão

NA MANHÃ DA QUINTA-FEIRA SANTA, O ARCEBISPO METROPOLITANO PRESIDIU A EUCHARISTIA NA CATEDRAL DA SÉ; PRESBÍTEROS REALIZARAM A RENOVAÇÃO DAS PROMESSAS SACERDOTAIS E HOVE A BÊNÇÃO DOS SANTOS ÓLEOS

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

“Que alegria vê-los aqui, nesta Quinta-feira Santa, para este momento tão significativo!”. Assim o Cardeal Odilo Pedro Scherer dirigiu-se aos clérigos que lotaram a Catedral da Sé na manhã da quinta-feira, 17, para a Missa do Crisma, assim chamada por nela serem abençoados os óleos dos sacramentos do Batismo e da Unção dos Enfermos e consagrado o óleo do Santo Crisma.

Também aconteceu o rito de renovação das promessas sacerdotais. “Peçamos a Deus que nos dê a alegria de corresponder a este dom, a este chamado que Ele nos faz para a Sua glória e em benefício do povo santo de Deus”, afirmou Dom Odilo no começo da missa, na qual também recomendou aos sacerdotes que estejam atentos para não gerar divisões na Igreja, que sejam promotores da formação do povo de Deus e ministros de Jesus, animando todos os batizados na missão evangelizadora.

CORRESPONSÁVEIS PELA MISSÃO

Dom Odilo, no começo da homilia, agradeceu aos padres por todo o empenho no cuidado pastoral das paróquias em que estão e nos vários serviços eclesiais aos quais são chamados a colaborar com o Arcebispo e os vigários episcopais.

O Cardeal ressaltou que na Quinta-feira Santa, Jesus não instituiu somente a Eucaristia, mas a própria Igreja, que se reúne ritualmente na celebração eucarística e nos serviços que os sacerdotes continuam a prestar ao Ungido de Deus, o Salvador da humanidade, do qual provém todos os bens da Redenção celebrados nos sacramentos, “mediante os quais o Espírito Santo age, e que não são ritos vazios, mas são significativos, operativos, na medida em que nós os celebramos com verdadeira fé eclesial”.

SERVIDORES DO CRISTO SACERDOTE

O Arcebispo também enfatizou que por meio do sacerdócio ministerial, os presbíteros participam do sacerdócio de Cristo.

“Não somos sacerdotes autonomamente, mas sacerdotes a serviço do sacerdócio de Cristo, somos ministros, servidores do Cristo Sacerdote e do povo sacerdotal”, disse Dom Odilo, exortando os presbíteros a agradecer pela vocação



Luciney Martins/O SÃO PAULO

recebida de Deus e pedindo ao povo que também agradeça ao Senhor pelo sacerdócio ministerial que Jesus entregou à Igreja.

“Neste Ano Santo da Esperança, convido a todos, caríssimos sacerdotes, a pensarmos que nosso ministério está a serviço da esperança. Somos ministros servidores da esperança para o povo de Deus e para o mundo todo”, destacou.

TRÊS RECOMENDAÇÕES

O Arcebispo Metropolitano fez ainda três recomendações aos sacerdotes. A primeira é a de que não se esqueçam de que são ministros da comunhão, e, assim, devem estar atentos para evitar discórdias e divisões na Igreja, entre as quais a não aceitação do magistério do Papa e da autoridade episcopal: “Caminhar com a Igreja e com ela permanecer. Em comunhão e unidos à Igreja, só assim o nosso sacerdócio será um serviço eficaz, não à nossa vaidade, mas a serviço Daquele que nos enviou, serviço à verdade e à salvação do povo”.

A segunda recomendação dada foi a de que os presbíteros sejam promotores da formação do povo de Deus, convidando os que estão afastados da Igreja para que a ela retornem ou ingressem, bem como falando àqueles que já fazem parte da comunidade eclesial sobre a grandeza dos dons que Cristo oferece aos batizados como herdeiros da fé e dos bens espirituais daqueles que os precederam na Igreja.

Dom Odilo também recomendou aos presbíteros que sejam ministros de Jesus Cristo, animadores da comunidade de discípulos missionários formada pelos batizados, a fim de que todos sejam entusiastas da missão evangelizadora: “Uma Igreja sinodal, que caminha unida! Só assim é possível dar o testemunho de Jesus Cristo e prestar o verdadeiro serviço ao Evangelho”.

Ao término da homilia, o Arcebispo reforçou o pedido para que os fiéis rezem pelos sacerdotes e por mais vocações ao ministério ordenado, e pediu orações e

atenção de toda a comunidade eclesial aos padres idosos e enfermos.

RENOVAÇÃO DAS PROMESSAS SACERDOTAIS E SANTOS ÓLEOS

Os ritos de renovação das promessas sacerdotais e da bênção dos santos óleos foram realizados após a homilia.

Diante do Arcebispo e do povo, os presbíteros renovaram as promessas sacerdotais de se unir cada vez mais a Jesus Cristo, de ser fiéis dispensadores dos mistérios de Deus pela celebração da Eucaristia e demais ações litúrgicas, de se conformar mais estritamente ao Senhor e se empenhar na realização de Sua missão.

Na sequência, pelo corredor central da Catedral da Sé, houve a entrada dos santos óleos e o Arcebispo realizou a bênção dos Óleos dos Enfermos (que é administrado àqueles que estão doentes ou em perigo de vida) e dos Catecúmenos (utilizado no sacramento do Batismo) e consagrou o Óleo do Santo Crisma (conferido exclusivamente pelo bispo e utilizado nos sacramentos do Batismo e da Confirmação e nas ordenações sacerdotais e episcopais, além das dedicações de altares e templos).

UNIDOS AO ARCEBISPO

Após a comunhão, em nome de todo o clero arquidiocesano, o Padre Roberto Carlos Queiroz Moura, Coordenador Arquidiocesano de Pastoral, saudou o Cardeal Scherer, ressaltando que “sob a liderança do nosso Arcebispo, formamos um único corpo, animados pela expectativa de renovação que este Jubileu proporciona. É uma enorme honra e alegria renovar nossas promessas sacerdotais diante de Vossa Eminência, Dom Odilo Pedro Scherer”.

“Em nome de todos os padres aqui presentes, expressei nossa sincera gratidão pela sua liderança espiritual, orientação iluminadora e ensinamentos edificantes que Vossa Eminência tem compartilhado conosco ao longo do tempo. Reconhecemos que sua dedicação incansável e seu fervoroso compromisso são fundamentais, não apenas

para o aprofundamento de nossa fé, mas também para a edificação de uma Igreja mais unida, acolhedora e repleta de amor, capaz de ir ao encontro das esperanças e anseios de todos”, prosseguiu o Sacerdote, que finalizou a mensagem desejando feliz Páscoa a Dom Odilo e convidando todos na Catedral da Sé a manifestarem a união com o Arcebispo, valendo-se de uma expressão popular: “Tamo junto!”

Antes da bênção final, Dom Odilo agradeceu às manifestações de carinho e desejou feliz Páscoa a todos.

O SÃO PAULO

www.osaopaulo.org.br

Diariamente, no site do jornal **O SÃO PAULO**, você pode acessar notícias sobre a Igreja e a sociedade em São Paulo, no Brasil e no mundo. A seguir, algumas notícias e artigos publicados recentemente.

Com cardeais presentes no Vaticano, é realizada a primeira congregação geral
<https://curt.link/YOwGe>

ONU pede mais apoio internacional à população do Haiti
<https://curt.link/cdvJi>

Conselho Permanente decide pela suspensão da 62ª Assembleia Geral da CNBB
<https://curt.link/fLNMC>

Dom Odilo: unir-se a Jesus na cruz por meio da oração, reflexão e interiorização
<https://curt.link/iXgWw>

O que é a esperança cristã?
<https://curt.link/xzRlx>

MISSA VESPERTINA DA CEIA DO SENHOR

‘Somos chamados a renovar nossa fé, nosso compromisso e o apreço pela Eucaristia’

ROSEANE WELTER
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Na Missa Vespertina da Ceia do Senhor, que deu início ao Tríduo Pascal na noite da Quinta-feira Santa, 17, o Cardeal Odilo Pedro Scherer ressaltou que a celebração da Eucaristia é o núcleo central da fé cristã.

O Arcebispo Metropolitano destacou, ainda, que toda missa é uma ação de graças a Deus e nela também se reafirma a adesão a Jesus Cristo.

Na homilia, Dom Odilo recordou que Cristo deu um novo significado à celebração da ceia pascal judaica.

“Quando tomou o pão, Jesus o partiu, foi entregando aos que estavam com Ele à mesa e disse: ‘Este é o meu corpo, entregue por vocês’. Essa entrega significa a morte de cruz, pela qual Ele se entrega pela libertação, salvação do povo”, disse o Arcebispo, lembrando, ainda, que o Senhor fez o mesmo com o vinho, sinal de Seu sangue que seria derramado por todos: “O sangue da nova e eterna aliança, libertadora e misericordiosa com o povo, gesto Daquele que se entrega por amor a nós e a toda humanidade, e pede aos seus discípulos que façam o mesmo”.

“‘Faizei isto em memória de mim’. As palavras de Jesus remontam à origem da



Cardenal Odilo Scherer preside a Eucaristia e realiza o rito do lava-pés na Catedral da Sé

celebração da Eucaristia. Não significa apenas ‘repetir’ os gestos e as palavras da Última Ceia, mas fazer isto como entrega, serviço e amor mútuo. Eis o verdadeiro sentido da Eucaristia”, recordou o Arcebispo.

“Aqui tem origem a celebração da Eucaristia, que para nós, cristãos, é o memorial da Páscoa de Cristo, da passagem de Cristo deste mundo para o Pai, de sua Morte e Ressurreição para a glória



Fotos: Luciney Martins/O SÃO PAULO

de Deus. Esse é o núcleo central da nossa fé”, explicou. “Nesta noite santa, somos chamados a renovar nossa fé, nosso compromisso e o apreço pela Eucaristia”, enfatizou.

LAVA-PÉS: O EXEMPLO DE CRISTO SERVIDOR

Dom Odilo explicou que o rito do lava-pés, realizado nesta celebração, “é um gesto simbólico e significa a atitude de

colocar-se a serviço uns dos outros, uma atitude de humildade e cuidado com o irmão. ‘Dei-vos o exemplo: fazei isto em memória de mim’”.

O Purpurado também lembrou que o ato de lavar os pés é um gesto de simplicidade: “Jesus o fez por amor a ponto de entregar sua vida por nós na cruz. Esse gesto remete ao ensinamento de que aquele que quer ser o primeiro deve se colocar, a exemplo do próprio Cristo, a serviço, pois Ele não veio para ser servido, mas para servir”.

Após a homilia, o Arcebispo lavou os pés de representantes de pastorais e organismos da Arquidiocese ligados à fraternidade e ação social, bem como de atendidos por estas iniciativas, como é o caso das gêmeas Tai e Ken Afolabi, migrantes nigerianas, que disseram que este gesto simbólico “representa a atitude de colocar-se a serviço e cuidar uns dos outros, como irmãos. É um ato de humildade, de se abaixar e de purificação do corpo e da alma”.

Antes do término da missa, o altar foi desnudado e todos os adornos do presbitério retirados. Depois, aconteceu a transladação do Santíssimo para a capela, na qual aconteceu a vigília e adoração, com a presença do Cardeal Scherer, concelebrantes e fiéis.

‘A morte de Cristo na cruz é para nós motivo de esperança’

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

“Jesus permanece, diante de Deus, como nosso intercessor por toda a eternidade. Por isso, no dia de hoje, nós adoramos a cruz de Cristo, dizendo: ‘Muito obrigado, Jesus, porque por mim o fizeste, porque por mim também padeceste, porque me amaste até o fim’. É a nossa resposta a Ele que constantemente intercede por nós”.

Assim afirmou o Cardeal Scherer na homilia da Ação Litúrgica da Paixão de Cristo, iniciada às 15h da Sexta-feira Santa na Catedral da Sé, quando toda a assembleia de fiéis, em pé e em profundo silêncio, acompanhou a entrada do Arcebispo Metropolitano e dos concelebrantes. Depois, em frente ao altar, eles se prostraram, ao mesmo tempo em que os fiéis se ajoelharam, para meditar o mistério da Paixão de Cristo.

AMOR À HUMANIDADE E SINAL DE ESPERANÇA

Na homilia, Dom Odilo ressaltou que, para os cristãos, a Morte de Jesus na cruz não remete apenas a um fato já acontecido, mas é um acontecimento do presente.

O Arcebispo explicou que Jesus aceitou passar por tamanho sofrimento “porque muito nos ama e nos amou até o fim, até as últimas consequências, por isso se tornou para nós o intercessor, o Sumo Sacerdote do céu”.

O Purpurado comentou, ainda, que por sua Ressurreição, Jesus alcança a vida plena para si e para todos, e que na cruz Cristo ofereceu à humanidade a graça da misericórdia, de modo que “a morte de Cristo na cruz é para nós motivo de esperança”, uma vez que o Crucificado “carregou as nossas dores, assumiu as nossas culpas, carregou sobre si as nossas cruces, mas ressuscitou para que nós tivéssemos esperança no perdão e na misericórdia de Deus, esperança de vida plena”.

ORAÇÃO UNIVERSAL E ADORAÇÃO À CRUZ

Após a homilia, o Arcebispo, os concelebrantes e fiéis rezaram a Oração Universal pela Santa Igreja; pelo Papa; por todos os membros da Igreja; pelos catecúmenos; pela unidade dos cristãos; pelos judeus (aos quais o Senhor Deus falou em primeiro lugar); pelos que não creem no Cristo (a fim de que possam ingressar no caminho da salvação); pelos que não creem em Deus (para que mereçam chegar ao Deus verdadeiro); pelos governantes e por todos que sofrem.

Na sequência, houve a entrada da cruz, ainda encoberta com um tecido. No presbitério, ao declamar “Eis o lenho da cruz, do qual pendeu a salvação do mundo”, o Arcebispo lentamente a desnudou, sendo o primeiro a adorá-la. Depois, a cruz foi levada para a frente das escadarias do presbitério, sendo adorada por 20 minutos pelos fiéis que lotavam a Catedral.

COLETA PARA OS LUGARES SANTOS

Nessa celebração também foi realizada a coleta para os lugares em que Jesus nasceu, viveu e anunciou o Evangelho, e outros mencionados nas Sagradas Escrituras. Conforme ressaltou Dom Odilo, nestes Lugares Santos os cristãos são minoria e a manutenção das estruturas da Igreja e dos trabalhos de evangelização depende quase que inteiramente da solidariedade e apoio dos demais cristãos.

SENHOR MORTO E NOSSA SENHORA DAS DORES

Em razão das fortes chuvas no centro da cidade, a tradicional procissão com as imagens do Senhor Morto e de Nossa Senhora das Dores – que se realiza após o rito da comunhão nesta celebração – não aconteceu pelas ruas, sendo substituída por um cortejo no interior do templo com as imagens, após o qual se seguiu a reflexão sobre o Sermão das 7 Palavras, conduzida pelo Padre Luiz Eduardo Pinheiro Baronto, Cura da Catedral, e o Cônego Helmo Cesar Faccioli, Auxiliar do Cura.

VÍGILIA PASCAL E DOMINGO DE PÁSCOA

‘A Ressurreição de Jesus é a vitória de Deus sobre o pecado e a morte’

**DANIEL GOMES
E FERNANDO GERONAZZO**
osaopaulo@uol.com.br

No Domingo da Páscoa da Ressurreição do Senhor, 20, centenas de fiéis lotaram a Catedral da Sé para participar da missa solene presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer

“A Igreja inteira, no mundo todo, anuncia esta grande notícia: Jesus ressuscitou! Com Ele, revive a esperança, anuncia-se a vitória da vida sobre a morte, o triunfo do perdão e da misericórdia sobre o mal”, afirmou o Arcebispo Metropolitano no começo da missa.

Depois, Dom Odilo abençoou a água e a aspergiu sobre o povo, para recordar o Batismo. Outro momento significativo ocorreu antes da proclamação do Evangelho: o entoar da Sequência Pascal, na qual os cristãos exultam o Cristo que lavou o mundo do pecado, venceu a morte e que, ressuscitado, leva todos ao céu.

VERDADE CENTRAL DA FÉ CRISTÃ

Na homilia, Dom Odilo enfatizou que a Ressurreição de Jesus “é uma verdade central da fé que recebemos da Igreja e que professamos com ela”, e que por primeiro a testemunharam e anunciaram os apóstolos e discípulos de Jesus, mesmo diante das ameaças de prisão e martírio.

O Cardeal destacou que os apóstolos, após terem se assustado ao verem o Cristo ressuscitado, tranquilizaram-se quando o Senhor dirigiu-lhes a palavra e eles O reconheceram por Seus gestos, além de terem compreendido que a Ressurreição de Cristo era um fato “salvador e revelador de Deus para eles, para a humanidade e o mundo inteiro”.

“A Ressurreição de Jesus é a vitória de Deus sobre o pecado e a morte; a morte não é mais forte que Deus nem tem a última palavra sobre a existência humana. Seu domínio foi quebrado e todos os que se aproximam de Jesus Cristo ressuscitado também podem ter a certeza de que superarão a morte e viverão para sempre com Ele”, explicou Dom Odilo.

ONDE ESTÁ O RESSUSCITADO?

Ainda na homilia, Dom Odilo ressaltou que o Ressuscitado hoje permanece com Sua Igreja e com a humanidade de muitas maneiras: “Está na comunidade de fé reunida em Seu nome; na comunidade de fé que celebra a Eucaristia em sua memória; na Palavra do Evangelho, que anunciamos por Seu mandato; permanece em todo o ser humano, de quem Ele assumiu a carne e a semelhança. Permanece em cada cristão que O acolhe com fé, humildade e amor”.

“Jesus ressuscitado não é uma lembrança vaga do passado; não é uma fantasia ou uma bela ideia; não é uma estátua ou obra de arte que O retrata. Ele é o Filho de Deus, que se fez humano, está



Fotos: Luciney Martins/O SÃO PAULO

vivo no meio de nós. Ele nos acompanha todos os dias com a Sua graça e nos encoraja, nos acompanha no caminhar da nossa vida como peregrinos de fé e de esperança que nós somos”, enfatizou.

VIGÍLIA PASCAL

A Solenidade da Páscoa começou na noite do Sábado Santo, quando Dom Odilo presidiu a Vigília Pascal na Catedral da Sé. Considerada a “mãe de todas as vigílias”, essa celebração anuncia a Ressurreição de Jesus.

A liturgia teve início na Praça da Sé, junto ao Marco Zero da cidade, na qual foi abençoado o “fogo novo” em que é aceso o Círio Pascal, vela que simboliza o Senhor ressuscitado.

Em procissão, os fiéis adentraram a Catedral completamente às escuras, tendo à frente a luz do Círio Pascal, em que acenderam suas velas. Em seguida,

do ambão da Palavra, foi entoado o tradicional hino do Precônio Pascal, a proclamação solene da Páscoa.

Na sequência, a Liturgia da Palavra perpassou toda a história da salvação, mostrando como outrora Deus salvou o seu povo e agora envia seu Filho como o Redentor da humanidade. Ocorre como um diálogo: Deus se dirige ao povo por meio das sete leituras e este lhe responde com salmos e orações.

Após as leituras do Antigo Testamento, a assembleia cantou o hino de louvor “Glória a Deus nas alturas”, enquanto as velas do altar eram acesas e soavam os 61 sinos da Sé.

Depois, houve a proclamação da leitura da carta de São Paulo aos Romanos (6, 3-11), na qual o Apóstolo indica que todos os batizados em Cristo estão mortos para o pecado, e, assim, devem ter vida nova.



Liturgia da Vigília Pascal é iniciada com a bênção do fogo novo e acendimento do Círio Pascal

Antes da proclamação do Evangelho da Ressurreição segundo São Lucas (24,1-12), foi entoado solenemente o Aleluia, aclamação omitida durante toda a Quaresma.

‘BANHADOS EM CRISTO’

Outro momento significativo dessa celebração é a liturgia batismal, com a Ladainha de Todos os Santos, a bênção da água, na qual é mergulhado o Círio Pascal, em sinal do próprio Cristo que santifica a águas por seu Batismo.

Nessa ocasião, 37 adultos receberam os sacramentos do Batismo, da Confirmação (Crisma) e a primeira Eucaristia, a maioria ex-dependentes químicos, que antes viviam em situação de rua e foram acolhidos e preparados pela Missão Belém. Além disso, todos os fiéis fizeram a renovação das promessas batismais.

Na homilia, Dom Odilo ressaltou que após o percurso penitencial da Quaresma, “celebramos a Páscoa como o grande momento de renovação da vida, não apenas com os nossos esforços, mas mediante a maravilha que Deus realiza em nós, mediante a força de Jesus Cristo ressuscitado e do Espírito santificador”.

Inspirado na Carta aos Romanos, o Arcebispo lembrou que “pelo Batismo nós fomos batizados na morte de Cristo, com Ele morremos ao pecado”, e acrescentou: “A conversão é uma ruptura com a vida do pecado, para com Ele vivermos a vida nova.”

Dirigindo-se aos catecúmenos, Dom Odilo enfatizou que o Batismo é um grande dom de Deus. “Nesta noite, queridos catecúmenos, alegrem-se muito, acolham com alegria, com muita fé, este dom que lhes é dado, o dom da vida nova.”

O Arcebispo também explicou o simbolismo da água, tão presente nas leituras e no rito batismal. “A água purifica do pecado, purifica o homem velho, a água faz viver, a água é sinal justamente do dom de Deus que faz viver, do Espírito Santo que faz viver.”

TESTEMUNHAS DA BOA NOTÍCIA

Após a Comunhão da missa dominical, o Padre Luiz Eduardo Pinheiro Baronto, Cura da Catedral, lembrou que a celebração da Páscoa prossegue nesta semana com a Oitava de Páscoa, e propôs a todos que continuem a desejar feliz Páscoa às demais pessoas, a fim de que não se esqueça o que verdadeiramente se celebra: a Ressurreição de Jesus Cristo.

Antes da bênção final, o Cardeal Scherer desejou feliz Páscoa a todos, enalteceu o fato de as celebrações da Semana Santa sempre terem acontecido com grande presença de fiéis e exortou-os a, perante um mundo no qual predominam as notícias sobre conflitos e guerras, serem anunciadores da Ressurreição de Jesus: “Sejamos nós as testemunhas desta Boa Notícia! Vamos anunciá-la ao mundo de todos os modos.”

Semana Santa é marcada pelas últimas meditações e homilias do Papa

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

Quem poderia imaginar que um dia após desejar feliz Páscoa aos fiéis reunidos na Praça São Pedro, no domingo, 20, e dar a bênção “*Urbi et Orbi*” (para a cidade de Roma e para o mundo), o Papa Francisco retornaria à Casa do Pai, aos 88 anos de idade.

Desse modo, as homilias do Pontífice para a Missa do Crisma, na Quinta-feira Santa, 17; para a Vigília Pascal, no sábado, 19; e para a missa do Domingo de Páscoa, bem como as meditações para a Via-Sacra no Coliseu, na Sexta-feira da Paixão, 18, agora ressoam como suas últimas mensagens de fé e esperança à Igreja e ao mundo.

‘O AMOR VENCEU O ÓDIO. A LUZ VENCEU AS TREVAS’

Na Mensagem “*Urbi et Orbi*”, o Pontífice destacou que pela Ressurreição de Jesus, “o amor venceu o ódio; a luz venceu as trevas; a verdade venceu a mentira; o perdão venceu a vingança”. Ele também fez um apelo aos responsáveis políticos para que não cedam à lógica do medo, ao uso das armas, mas que se empenhem em ajudar os necessitados, combater a fome e promover iniciativas que favoreçam o desenvolvimento. “Neste dia, gostaria que voltássemos a ter esperança e confiança nos outros” e “a ter esperança de que a paz é possível!”, afirmou.

Na homilia da missa do Domingo de Páscoa, o Papa enfatizou que Cristo Ressuscitado não é um herói do passado nem uma estátua no museu, mas que está em toda a parte, “habita no meio de nós, esconde-se e revela-se ainda hoje nos irmãos que encontramos pelo caminho, nas situações mais anônimas e imprevisíveis da nossa vida”.

‘DEIXEMOS BROTA A ESPERANÇA DA PÁSCOA’

Na Vigília Pascal, a homilia de Fran-



Em sua última aparição pública, no Domingo da Páscoa da Ressurreição do Senhor, 20, Papa abençoa a multidão de fiéis na Praça São Pedro

cisco destacou que a Ressurreição de Jesus “é semelhante a pequenos feixes de luz”, que animam a humanidade a enfrentar “as sombras de morte que muitas vezes pairam sobre o mundo”.

Recordando a celebração deste Ano Jubilar, o Pontífice exortou: “Deixemos brotar a esperança da Páscoa nas nossas vidas e no mundo!”. Também ressaltou que “ainda que estejamos nas trevas, a luz brilha lentamente; aguarda-nos a esperança de uma vida nova e de um mundo finalmente libertado; um novo começo pode surpreender-nos, mesmo que às vezes pareça impossível, porque Cristo venceu a morte”.

A VIA-SACRA NA DIREÇÃO DE DEUS

Francisco escreveu as meditações das estações da Via-Sacra, realizada na noite da Sexta-feira Santa, no Coliseu, em Roma. Na introdução do texto, o Pontífice afirma que o caminho para o Calvário passa pelas estradas do cotidiano: “Nós vamos, Senhor, normalmente

na direção oposta à Vossa. Por isso mesmo, pode acontecer que encontremos o Vosso rosto e que cruzemos com o Vosso olhar. Caminhamos como de costume e Vós vindes ao nosso encontro. Os Vossos olhos leem o nosso coração. Hesitamos, então, em continuar como se nada tivesse acontecido. Podemos dar meia-volta, olhar para Vós e seguir-Vos. Podemos identificar-nos com o Vosso caminho e perceber que é melhor mudar de rumo”.

Ao longo das meditações, o Papa lembrou que o caminho da cruz é a descida que Jesus realizou em direção àqueles que amou; é também “uma resposta, uma assunção de responsabilidade” por parte de Cristo, que “pregado”, intercede, se coloca “no meio das partes, entre os opostos” e os leva a Deus, sabedor de que Sua cruz “derruba os muros, cancela as dívidas, anula as sentenças, estabelece a reconciliação”. Seus caminhos diferem daqueles “de cálculos e algoritmos, de lógicas frias e interesses implacáveis”.

PEDIDO AOS SACERDOTES: ENTREGA TOTAL A DEUS

Na manhã da Quinta-feira Santa, cerca de 1,8 mil sacerdotes participaram da Missa do Crisma, em que foram abençoados os óleos usados nas cerimônias sacramentais do Batismo e da Unção dos Enfermos, e consagrado o óleo do Crisma.

Francisco, na homilia lida pelo Cardeal Domenico Calcagno, ressaltou que o ministério sacerdotal é “puro serviço ao povo sacerdotal”, de um “pastor que ama o seu povo” e “não vive à procura de consenso e aprovação a qualquer custo”. Destacou, também, que cada sacerdote “tem uma relação com a Palavra de Deus que vem de longe. Colocamo-la ao serviço de todos somente quando a Bíblia continua a ser a nossa primeira casa”.

Por fim, o Pontífice enfatizou que o sacerdócio torna-se um ministério jubilar quando o presbítero se entrega a Deus de maneira “radical e gratuita”.

(Com informações de Vatican News)

VESTIBULAR
ASSUNÇÃO
2024.2



ASSUNÇÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO

Transforme o seu futuro com a parceria entre o ASSUNÇÃO e a Arquidiocese de São Paulo. Oferecemos **35% de desconto** em todos os cursos de Graduação e Pós-Graduação aos candidatos que apresentarem carta de indicação* de sua Paróquia no ato da matrícula.

*Carta assinada e em papel timbrado da Paróquia, que contenha o encaminhamento para que o candidato seja contemplado com a condição especial conferida para os paroquianos.

Fale com a gente via WhatsApp!

www.unifai.edu.br

Rua Afonso Celso, 711 (Metrô Santa Cruz) - Vila Mariana - (11) 5087-0187

A Igreja em 12 anos com Francisco

PONTIFICADO FOI MARCADO POR GESTOS, PALAVRAS E REFORMAS QUE BUSCARAM TRANSMITIR 'A ALEGRIA DO EVANGELHO' E APROXIMAR A IGREJA DOS QUE VIVEM À MARGEM DA SOCIEDADE

FILIPE DOMINGUES
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

O primeiro Papa a se chamar “Francisco”, inspirado pelo Santo pobre de Assis, encerrou sua missão na Terra após 12 anos de pontificado. O argentino Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco, morreu na segunda-feira, 21, aos 88 anos de idade.

O anúncio foi feito pelo Cardeal Kevin Joseph Farrell, Camerlengo da Santa Igreja Romana: “Às 7h35 desta manhã, o Bispo de Roma, Francisco, retornou à casa do Pai. Toda a sua vida foi dedicada ao serviço do Senhor e da Igreja. Ele nos ensinou a viver os valores do Evangelho com fidelidade, coragem e amor universal, especialmente em favor dos mais pobres e marginalizados. Com imensa gratidão por seu exemplo como verdadeiro discípulo do Senhor Jesus, recomendamos a alma do Papa Francisco ao infinito amor misericordioso do Deus Trino.”

Horas depois, a Sala de Imprensa da Santa Sé detalhou que o Pontífice morrera, em seu apartamento na Casa Santa Marta, em decorrência de derrame cerebral, coma e parada cardiorrespiratória irreversível.

Dos encontros com os pobres, doentes e encarcerados à defesa do meio ambiente e às reformas estruturais que iniciou na Igreja Católica, o Papa Francisco buscou promover, em gestos e palavras, a “alegria do Evangelho”. Já em seu primeiro documento programático, a exortação apostólica *Evangelii gaudium*, publicada em novembro de 2013, ele afirmou: “A alegria do Evangelho preenche o coração e a vida inteira dos que se encontram com Jesus”. Sua maior crítica foi ao individualismo, a “consciência isolada”, que, em sua visão, produz tristeza e indiferença.

IGREJA ‘EM SAÍDA’

O então Arcebispo de Buenos Aires foi eleito Papa em 13 de março de 2013, sucedendo ao Papa Bento XVI, que havia renunciado. Francisco foi o primeiro Papa latino-americano da história, e também o primeiro sacerdote jesuíta a chegar ao trono do apóstolo Pedro.

O longo intervalo entre a renúncia do Papa Bento XVI, em 11 de fevereiro daquele ano, e o conclave que elegeu Francisco permitiu que a Igreja pudesse discutir abertamente quais seriam as qualidades do novo Pontífice. Buscava-se um Papa reformador. A maior



Francisco acreditava que a Igreja precisa ir ao encontro de todos, onde quer que estejam, especialmente nas realidades de maior sofrimento

reforma de Francisco, entretanto, foi colocar a Igreja “em saída”, como ele mesmo definiu.

Ele acreditava fielmente que a Igreja precisava ir ao encontro de todos, onde quer que estivessem, especialmente nas realidades humanas de maior sofrimento. O Cardeal Bergoglio, então com 76 anos, foi eleito para reorganizar as estruturas da Cúria Romana, tornando-a mais servidora e mais colaborativa com a Igreja global. Mais ainda, o objetivo era revigorar o anúncio do Evangelho em um mundo fortemente secularizado e fragmentado.

Um discurso que ele fez durante as congregações gerais, em 9 de março daquele ano – reuniões dos cardeais eleitores e não eleitores antes do conclave – foi decisivo para que o nome de Bergoglio liderasse as votações. Na ocasião, ele disse: “A Igreja é chamada a sair de si mesma e ir em direção às periferias, não só aquelas geográficas, mas também aquelas existenciais. Aquelas do mistério do pecado, da dor, da injustiça, aquelas da ignorância e da ausência de fé, aquelas

do pensamento, aquelas de toda forma de miséria.” Enquanto alguns batem à porta da Igreja para entrar, e nem sempre a encontram aberta, “a Igreja autorreferencial tem a pretensão de que Jesus Cristo está dentro dela, e não O deixa sair”, disse ele. Essa Igreja crê que tem luz própria, em vez de refletir a luz de Cristo no mundo, continuou.

Em sua primeira missa como Papa, celebrada com os cardeais eleitores na Capela Sistina, em 14 de março de 2013, Francisco falou de três movimentos essenciais: caminhar, edificar e confessar. Uma “Igreja em saída”, sinalizava, era uma Igreja em movimento, que não permanece congelada, fixa, que não para de acompanhar os sinais do tempo. “Caminhar sempre, na presença do Senhor”, afirmou. Mas também é uma Igreja fundada em Cristo, “edificada”, com raízes fortes na história e na tradição. Por fim, é uma Igreja que “confessa Cristo”, que vive e promove a fé, que reza e contempla, pois “se não confessarmos Cristo, nos tornaremos uma ONG assistencial”, dizia sempre.

ZELO APOSTÓLICO

Em tudo o que fez como Papa, em todos os seus discursos, Francisco promoveu essa dimensão missionária da Igreja. Ele usou muitas outras imagens, metáforas, para defini-la, como, por exemplo, a Igreja como “hospital de campanha”, que está aberto a curar as feridas de quem quer que seja, onde quer que esteja. Falava das periferias geográficas e existenciais, criticava a “cultura do descarte” e a “globalização da indiferença”.

“Vejo com clareza que a coisa de que a Igreja precisa mais hoje é a capacidade de curar as feridas e aquecer os corações dos fiéis, a proximidade”, disse, em uma entrevista a *La Civiltà Cattolica*, em setembro de 2013. “Eu vejo a Igreja como um hospital de campanha, depois de uma batalha. É inútil perguntar a um ferido grave se ele tem colesterol ou nível de açúcar elevado! É preciso curar suas feridas. Depois podemos falar de todo o resto. Curar as feridas, curar as feridas... E é preciso começar de baixo.”

Usando linguagem simples e aproximando-se dos “descartados” da sociedade, o Papa Francisco fez jus ao seu nome e, fortalecendo a antiga tradição dos Papas que oferecem caridade aos mais necessitados, foi ao encontro daqueles que estão à margem da sociedade: os pobres, os doentes, os moradores de rua, os idosos, os indígenas, os prisioneiros, as pessoas com deficiência, os migrantes e refugiados.

Desde o primeiro dia, ele se apresentou ao mundo como “bispo de Roma”, um sacerdote e pastor. Em uma audiência geral de 2023, declarou: “O zelo apostólico nunca é uma simples repetição de um estilo adquirido, mas um testemunho de que o Evangelho está vivo aqui, para nós, hoje. Conscientes disto, olhemos, portanto, para a nossa época e para a nossa



Na Praça São Pedro, em 27 de março de 2020, Papa reza pelo fim da pandemia de COVID-19



Papa durante sua 1ª viagem apostólica, a Lampedusa, ponto de chegada de migrantes à Europa

cultura como um dom. Elas são nossas e evangelizá-las não significa julgá-las de longe, nem ficar em uma varanda gritando o nome de Jesus, mas descer para as ruas, ir aos lugares onde se vive, frequentar os espaços onde se sofre, se trabalha, se estuda e se reflete, habitar as esquinas onde os seres humanos compartilham o que faz sentido para suas vidas.”

Priorizando esse zelo pastoral, também procurou curar as feridas, com diferentes gestos de acolhimento, entre aqueles que se sentiam afastados da Igreja. Entre eles, as pessoas que vivem em uma segunda união conjugal, os homossexuais, as vítimas de abusos etc. Sem mudar a doutrina da Igreja sobre questões de fé e moral, ele procurou aplicar a abordagem de Cristo diante da “ovelha perdida”.

A imagem do Bom Pastor, disse ele em uma audiência geral de maio de 2016, é aquela do “pastor que carrega sobre os ombros a ovelha perdida” e representa “a solicitude de Jesus diante dos pecadores e a misericórdia de Deus que não se conforma com perder ninguém”. A proximidade de Cristo com os pecadores, disse Francisco, “não deve escandalizar, mas, ao contrário, deve provocar em todos uma séria reflexão sobre como vivemos a nossa fé”.

Com a intenção de renovar espiritualmente a Igreja e o mundo, o Papa Francisco convocou, entre 2015 e 2016, um ano jubilar dedicado ao tema da misericórdia. “O perdão é o sinal mais visível do amor do Pai, que Jesus quis revelar em toda a sua vida”, escreveu na carta apostólica *Misericordia et misera*, à conclusão daquele Jubileu Extraordinário. “Nada que um pecador arrependido coloque diante da misericórdia de Deus pode ficar sem o abraço do seu perdão. É por este motivo que nenhum de nós

pode pôr condições à misericórdia; esta permanece sempre um ato de gratuidade do Pai celeste, um amor incondicional e não merecido”, continuou.

TRÊS GRANDES PREOCUPAÇÕES

O contexto histórico do pontificado de Francisco foi complexo. Como ele costumava dizer, não vivemos em uma “época de mudanças, mas em uma mudança de época”. Ainda assim, talvez seja possível destacar três temas que foram especialmente caros ao Papa: o meio ambiente, a migração e a paz. Nesses três pontos, ele se colocou em diálogo com o mundo e promoveu a unidade e cooperação entre os povos.

Francisco foi o primeiro Sumo Pontífice a publicar uma encíclica – documento de maior peso entre aqueles escritos por um Papa – dedicada principalmente à questão ambiental. A *Laudato si'*, de 2015, é endereçada a “todas as pessoas que habitam este planeta”, diante da “deterioração global do ambiente”. O Papa entrou em diálogo com o mundo da ciência e da política, além de outros líderes cristãos, apresentando propostas “éticas e espirituais” para solucionar o problema ambiental. Em sua visão, não basta oferecer respostas técnicas para os desafios humanos.

Como São Francisco de Assis, ele propôs à humanidade “cuidar de tudo o que existe”, pois o planeta Terra é Criação de vida, a nossa “casa comum”. Escreveu Francisco: “O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem Se arrepende de nos ter criado.”



Pontífice com o Conselho de Cardeais que o auxiliou na reformas das estruturas do Vaticano

Ele voltou à questão ambiental inúmeras vezes, associando-a diretamente aos problemas sociais: são os mais pobres e indefesos os que mais sofrem as consequências dos desastres ambientais. A *Laudato si'* foi lida e debatida internacionalmente, influenciando, inclusive, a Conferência do Clima das Nações Unidas de 2015 (COP21), que chegou ao histórico Acordo de Paris. Em 2023, Francisco publicou outro documento, a exortação apostólica *Laudate Deum*, insistindo na urgência de se reverter as mudanças climáticas causadas pela ação humana.

A questão migratória também permeou diversos momentos do pontificado do Papa Francisco. Sua primeira viagem como Papa foi para Lampedusa, pequena ilha em território italiano, conhecida por ser um ponto de chegada na Europa de centenas de milhares de migrantes, vindos da África e da Ásia. Francisco chamou o Mar Mediterrâneo de um “cemitério a céu aberto” e criticou as autoridades globais por não coordenarem ações humanitárias em favor dos migrantes.



Papa Francisco tratou do cuidado da casa comum, especialmente na encíclica *Laudato si'*

“Onde está o teu irmão? A voz do seu sangue clama a Mim”, diz o Senhor Deus. Esta não é uma pergunta posta a outros; é uma pergunta posta a mim, a ti, a cada um de nós. Estes nossos irmãos e irmãs [migrantes] procuravam sair de situações difíceis, para encontrarem um pouco de serenidade e de paz; procuravam um lugar melhor para si e suas famílias, mas encontraram a morte. Quantas vezes outros que procuram o mesmo não encontram compreensão, não encontram acolhimento, não encontram solidariedade! E as suas vozes sobem até Deus”, disse, em julho de 2013.

O Papa Francisco enxergou a paz fragilizada no mundo desde o início do seu pontificado. Ele dizia que o mundo vive uma “Terceira Guerra Mundial em pedaços”, pois, em vez de um grande conflito global, enfrenta várias guerras menores, mas não menos sangrentas. Em seus discursos durante a pandemia da COVID-19, entre 2020 e 2021, ele dizia que “estamos todos no mesmo barco” e que o mundo poderia sair melhor ou pior daquela crise, mas não igual.

Infelizmente, duas guerras de peso internacional se seguiram: aquela que derivou da invasão da Ucrânia pela Rússia, e o acirramento dos conflitos entre Israel e o Hamas, na Faixa de Gaza. Em diferentes ocasiões, Francisco afirmou que “a guerra é sempre um mal”, e

que os únicos vencedores são “os vendedores de armas”. O Papa colocou a estrutura diplomática da Santa Sé a serviço dos povos atingidos pela guerra, tentou esforços de mediação, mas não obteve sucesso na suspensão dos conflitos. Ainda assim, Francisco rezava diariamente pela paz.

REFORMAS ESTRUTURAIS

Como homem de governo, o Papa Francisco foi alguém que iniciou uma série de processos ainda sem conclusão. Ele mesmo dizia na *Evangelii gaudium*, em 2013, que “o tempo é superior ao espaço” e, portanto, é preciso trabalhar olhando sempre para o longo prazo, “sem a obsessão dos resultados imediatos”. O “dinamismo da realidade” deve ser enfrentado com paciência, dando tempo aos processos, dizia.

O Papa Francisco trabalhava muito, talvez até demais. Quase não tirava dias de descanso. Mas também sabia que as sementes plantadas hoje levam tempo para crescer. No décimo ano de seu pontificado, ele promulgou a constituição

apostólica *Praedicate evangelium*. Para chegar nesse ponto, criou o Conselho de Cardeais (C9), uma demanda ouvida antes da eleição. Trata-se de um comitê de nove cardeais que auxiliam o Papa no governo da Igreja e, especialmente, na reforma das estruturas do Vaticano. Francisco dizia que a Cúria Romana ainda funcionava como uma corte monárquica – como se ele fosse um rei com poderes absolutos, que precisa ser bajulado e saciado – e isso, em suas palavras, “é uma lepra”, uma doença no coração da Igreja.

A reforma do zelo apostólico deveria, portanto, colocar o Evangelho ao centro de tudo, e reconhecer o Papa como Bispo de Roma, Sucessor do apóstolo Pedro, um pescador chamado por Cristo para liderar os seus. Concretamente, entre as reformas estruturais, e construindo sobre bases estabelecidas por Bento XVI, ele também melhorou as normas e orientações da Igreja para lidar com o problema dos abusos sexuais, morais e de poder. Em outras áreas, promoveu revisões e atualizações de estatutos em diferentes instituições da Igreja no mundo todo, consolidou uma reforma dos organismos financeiros do Vaticano e limitou os mecanismos que pudessem dar a impressão que trabalhar na Igreja é “fazer carreira”.

AMPLA ESCUTA

Na mensagem para o 56º Dia Mundial



Sínodo sobre a Igreja sinodal (2021-2024) levou a um amplo processo de diálogo na Igreja

das Comunicações, o Papa Francisco escreveu: “Também na Igreja, há grande necessidade de escutar e de nos escutarmos. É o dom mais precioso e profícuo que podemos oferecer uns aos outros. Nós, cristãos, nos esquecemos de que o serviço da escuta nos foi confiado por aquele que é o ouvinte por excelência e em cuja obra somos chamados a participar.”

Além de promover mais transparência e mais interação nos processos decisórios da Igreja, especialmente no Vaticano, Francisco entra para a história como o Papa da sinodalidade, da escuta. Por crer que a Igreja esteja sempre “em caminho”, e em um caminho que se faz juntos, ele organizou muitos encontros sinodais importantes: o Sínodo sobre a Família (2015-2016), o Sínodo sobre os Jovens (2018), o Sínodo para a Amazô-

nia (2019) e, por fim, o Sínodo sobre a Sinodalidade (2021-2024).

Este último reorganizou a dinâmica do Sínodo, que realizou a maior consulta já organizada na história da Igreja. De tema bastante abrangente, o Sínodo sobre a sinodalidade foi, essencialmente, sobre como a Igreja se organiza e toma decisões conjuntas. Francisco acreditava que o caminho deveria ser percorrido entre irmãos e irmãs, com confiança mútua na unidade, respeitando as diferenças.

Nesse sentido, as assembleias deste Sínodo incluíram, pela primeira vez, junto aos Bispos, pessoas leigas, religiosos e religiosas, que tiveram as mesmas oportunidades de fala e de voto. Trata-se, ainda, de um processo espiritual partilhado, de escuta da vontade de Deus. “O caminho sinodal é o caminho que Deus espera da



‘Uma Igreja serve dos últimos’, sonho concretizado pelo Papa com o Dia Mundial dos Pobres

Igreja do terceiro milênio”, afirmava.

O princípio da sinodalidade, segundo a Comissão Teológica daquele Sínodo, é “a ação do Espírito na comunhão do Corpo de Cristo e no caminho missionário do Povo de Deus”. Em outras palavras, os dons do Espírito chegam a todos os fiéis batizados “e se manifestam de muitas formas, com igual dignidade”.

A IGREJA QUE SONHOU

Francisco desejou uma Igreja mais participativa, mais aberta e sintonizada com os sinais dos tempos – como pedia o Concílio Vaticano II. Assim, ela vive melhor a comunhão e a missão, dizia. Na prática, ele promoveu o que chamava de “cultura do encontro” dentro da própria Igreja – é algo que, ele esperava, deveria durar para além de seu pontificado.

Entretanto, ele criticava continuamente o “mundanismo espiritual”, ou seja, a prática da religião sem a sua dimensão transcendente, divina. A Igreja que ele sonhou, portanto, pode se resumir em duas palavras: adoração e serviço. “Amar a Deus se faz com adoração e serviço”, afirmou o Papa Francisco na missa de conclusão da assembleia sinodal de outubro de 2023.

“A adoração é a primeira resposta que podemos oferecer ao amor gratuito, ao amor surpreendente de Deus”, disse. “É esta, irmãos e irmãs, a Igreja que somos chamados a sonhar: uma Igreja serve de todos, serve dos últimos. Uma Igreja que acolhe, serve, ama, perdoa, sem nunca exigir antes um atestado de boa conduta. Uma Igreja com as portas abertas, que seja porto de misericórdia”, completou.

Biografia e trajetória eclesial

Arquivo familiar

Jorge Mario Bergoglio nasceu na capital argentina, Buenos Aires, em 17 de dezembro de 1936, filho de imigrantes piemonteses, da Itália: seu pai, Mário, trabalhava como contabilista no caminho de ferro; e sua mãe, Regina Sivori, ocupava-se da casa e da educação dos cinco filhos.

Diplomou-se como técnico químico, e depois escolheu o caminho do sacerdócio, entrando no seminário diocesano de Villa Devoto. Em 11 de março de 1958, ingressou no noviciado da Companhia de Jesus. Completou os estudos humanísticos no Chile e, tendo voltado para a Argentina, em 1963, obteve a licenciatura em Filosofia no Colégio de São José, em San Miguel. De 1964 a 1965, foi professor de literatura e Psicologia no Colégio da Imaculada de Santa Fé e, em 1966, ensinou essas mesmas matérias no Colégio do Salvador, em Buenos Aires. De 1967 a 1970, estudou Teologia, licenciando-se também no Colégio de São José.

Em 13 de dezembro de 1969, foi ordenado sacerdote por Dom Ramón José Castellano. De 1970 a 1971, deu continuidade à sua preparação em Alcalá de Henares, na Espanha, e em 22 de abril de 1973 emitiu a profissão perpétua nos Jesuítas. Regressou à Argentina, onde foi mestre de noviços na Villa Barilari em San Miguel, professor na faculdade de Teologia, consultor da província da Companhia de Jesus e também Reitor do colégio.

No dia 31 de julho de 1973, foi eleito provincial dos Jesuítas da Argentina, cargo que desempenhou durante seis anos. Depois, retomou o trabalho no campo universitário e, de 1980 a 1986, foi novamente Reitor do Colégio de São José, e, inclusive, Pároco em San Miguel. Em março de 1986, partiu para a Alemanha, onde concluiu a tese de doutoramento;



em seguida, seus superiores enviaram-no para o Colégio do Salvador em Buenos Aires e sucessivamente para a igreja da Companhia, na cidade de Córdoba, onde foi diretor espiritual e confessor.

O Cardeal Antonio Quarracino convidou-o a ser o seu estreito colaborador em Buenos Aires. Assim, a 20 de maio de 1992, São João Paulo II nomeou-o Bispo Titular de Auca e Auxiliar de Buenos Aires. No dia 27 de junho, recebeu na catedral a ordenação episcopal, precisamente do Cardeal. Como lema, escolheu *Miserando atque eligendo* e no seu brasão inseriu o

crisograma IHS, símbolo da Companhia de Jesus.

Em 3 de junho de 1997, foi promovido a Arcebispo coadjutor de Buenos Aires. Nove meses depois, com o falecimento do Cardeal Quarracino, sucedeu-lhe em 28 de fevereiro de 1998. Três anos mais tarde, no consistório de 21 de fevereiro de 2001, São João Paulo II criou-o cardeal. Em abril de 2005, participou no conclave durante o qual foi eleito Bento XVI.

O então Cardeal Jorge Mario Bergoglio participou da V Conferência do Celam, em Aparecida, em 2007, e foi relator do *Documento de Aparecida*. É autor dos livros *Meditaciones para religiosos* (1982), *Reflexiones sobre la vida apostólica* (1986) e *Reflexiones de esperanza* (1992).

VIAGENS E DOCUMENTOS

Eleito sucessor de Pedro em 13 de março de 2013, após a renúncia do Papa Bento XVI, ele se tornou o primeiro Papa nascido no continente americano e o primeiro do Hemisfério Sul. Foi entronado em 19 de março de 2013.

Ao longo de seu pontificado, Papa Francisco fez 47 viagens apostólicas, além de viagens dentro da Itália, tornando-se o Pontífice com maior número de viagens na história.

Publicou quatro encíclicas, a primeira, *Lumen fidei*, a quatro mãos com Bento XVI, em 2013, e outras três de próprio punho: *Laudato si'* (2015), *Fratelli tutti* (2020) e *Dilexit nos* (2024). Suas exortações apostólicas também são foram muito importantes: *Evangelii gaudium* (2013), *Amoris laetitia* (2016), *Gaudete et exultate* (2018), *Christus vivit* (2019), *Querida Amazonia* (2020), *Laudate Deum* (2023) e *C'Est la confiance* (2023).

(Redação: com informações de Vatican Va)

O Papa de Aparecida

Thiago Leon/Santuário Nacional de Aparecida - jul.2013

PADRE DR. JOSÉ EDUARDO DE OLIVEIRA E SILVA
PRESBITERO NA DIOCESE DE OSASCO (SP)

Em 21 de abril de 2025, conclui-se uma importante página da história do catolicismo contemporâneo: com o falecimento do Papa Francisco, encerra-se um magistério marcado por imagens fortes e intuições proféticas.

Eleito em março de 2013, o Papa “do fim do mundo” – como gostava jocosamente de se autodenominar, em alusão ao habitual gracejo argentino sobre a natureza austral de seu país – fez da evangelização nas periferias, nas fronteiras, o norte de seu pontificado, imprimindo-lhe o selo missionário tão característico de sua vocação jesuíta.

Mas não foi apenas isso. Um evento que marcou profundamente sua consciência pastoral foi a V Conferência do Episcopado Latino-Americano, realizada em Aparecida (SP), no ano de 2007. Em mais de uma ocasião, ele se referiu ao *Documento de Aparecida* como um “milagre”, dado o propósito inicial de não se redigir documento algum, e as divergências de opinião que surgiram após a decisão de fazê-lo.

A Conferência de Aparecida propôs conjugar toda a ação pastoral da Igreja em chave missionária, mediante a formação de discípulos-missionários que se tornem agentes de uma autêntica missão continental, capaz de reorganizar todas as estruturas eclesiais a fim de renovar a Igreja e ir ao encontro de todos os homens, levando-lhes a luz do Evangelho.

ECLESIOLOGIA SINODAL

Percebendo-se o nexos entre o pontificado de Francisco e Aparecida, compreende-se sua natureza intrinsecamente sinodal. Em outras palavras, em vez de se entender como portador exclusivo de uma intuição, o Papa via a si mesmo como aquele que escuta — sondando, na voz dos irmãos, a voz do Espírito Santo.

É notável que os principais documentos de seu pontificado não sejam encíclicas ou constituições apostólicas, mas exortações apostólicas pós-sinodais — documentos elaborados após longos processos de escuta da Igreja universal, envolvendo bispos e fiéis de todos os continentes.

Nesse sentido, a liberdade com que Francisco permitia discussões chocou muitas suscetibilidades. Quando tudo parecia já definido, mas ainda havia vozes e queixas silenciadas, ele preferia que o sussurro se transformasse em diálogo. Desde a comunhão para casais em segunda união até a ordenação de *virii probati* e a bênção de parceiros do mesmo sexo, não havia tabu que não pudesse ser abordado — não como objeto de plebiscito ou deliberação parlamentar, mas como tentativa sincera de compreender que respostas a Igreja deve dar aos desafios de hoje.

De peito aberto, enfrentou a crise



A presença da Virgem Maria acompanhou o pontificado de Francisco; ele esteve no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida em 2013

dos abusos sexuais de clérigos, a reestruturação da Cúria Romana, abusos de consciência e de autoridade em novas comunidades e instituições. Sempre com escuta atenta, e discernimento paciente, buscava os passos a dar. A aparente instabilidade de sua abertura era frequentemente sucedida por decisões firmes e serenas. O mesmo Papa que inquietava os que recusavam o diálogo foi, por vezes, a decepção de entusiastas de um vanguardismo irresponsável.

IGREJA ‘EM SAÍDA’

Uma das imagens mais emblemáticas de seu pensamento eclesiológico encontra-se na sua “carta magna”, a exortação apostólica *Evangelii gaudium*: a imagem da “Igreja em saída missionária”.

Para alguns observadores, a impressão de que o aspecto pastoral foi privilegiado em detrimento do doutrinário gerou confusões. Mas, na verdade, a “opção Francisco” não consistiu em subordinar uma dimensão à outra, mas em colocá-las em mútuo serviço: anunciar o Evangelho, antes de tudo, significa propor o encontro com o amor gratuito de Deus em Cristo — e só depois, como consequência, oferecer um caminho de conversão e de reforma de vida (cf. EG 39).

Para essa Igreja em saída, ganhar o irmão é prioridade; acolhê-lo e integrá-lo em um paciente processo de discernimento é a metodologia. Isso exige

respeito à gradualidade na apresentação do ideal evangélico. Posturas rígidas e moralistas podem ter afastado mais do que aproximado corações de Cristo.

Por isso, em vez de insistir em uma agenda negativa (“a Igreja é contra isto ou aquilo”), Francisco preferiu a agenda positiva, centrada nos pontos mais sensíveis e compartilhados por nossos contemporâneos. Essa mudança de paradigma mostrou-se providencial em um tempo em que a Igreja, envolta em escândalos de ordem sexual, financeira e política, ocupava lugar marginal no debate público. Com sua eleição, o Papa mudou o tom: tornou-se voz escutada, sobretudo por aqueles que não fazem parte da estrutura eclesial.

Essa nova relevância permitiu-lhe realizar a reforma institucional da Cúria Romana, recolocando-a explicitamente a serviço da evangelização universal das Igrejas particulares. Falava da necessidade de desburocratizar a Igreja, para que ela fosse mais hospital de campanha do que alfanega fiscalizadora.

DA FRATERNIDADE À CASA COMUM

Atento aos sinais dos tempos, Francisco sintonizou seu magistério com os temas mais candentes da atualidade. Embora alguns os tenham julgado excessivamente “seculares”, o cenário de descaso pela vida e pelo próximo exige, mais do que nunca, um apelo ao cuidado e à ternura.

Desde o início, denunciou a “cultura do descarte”, mentalidade que subjaz à exclusão e à injustiça: pessoas e coisas são desprezadas como não sendo mais úteis e necessárias. Em oposição a essa lógica, propôs uma ética da inclusão — que devolve visibilidade aos invisíveis: pobres, jovens, pessoas com deficiência, idosos...

Em uma Europa secularizada e temerosa, foi incansável em sua defesa da acolhida aos migrantes, pedindo que fossem reconhecidos não só como pessoas, mas como irmãos — e como construtores da civilização ocidental, cuja identidade multiétnica e multicultural está em suas raízes.

No plano internacional, insistiu na necessidade de construir pontes, superar os nacionalismos e promover uma política a serviço da paz e uma economia de comunhão. Em outras palavras: amizade social e cultura do encontro.

Compreendia sua missão como bispo de Roma não apenas *ad intra*, mas também *ad extra*: promover o diálogo e a fraternidade também fora da Igreja. Seus discursos a líderes de outras religiões devem ser lidos à luz dessa intenção: não como sinal de indiferentismo religioso, mas como ação do Papa como figura pública global, interlocutor da sociedade civil.

Seu zelo se estendia à própria criação. Ao convocar todos os povos ao cuidado com a “casa comum”, propôs uma verdadeira ecologia integral,

fundada na ecologia humana, ou seja: o cuidado com o meio ambiente deve caminhar com o respeito à dignidade humana, ao corpo e à diferença sexual (cf. *Laudato si'*, 155).

Condenou reiteradas vezes a ideologia de gênero, chamou o aborto de “nazismo de luvas brancas” e denunciou a doutrinação escolar como “colonização ideológica”. Embora tais temas não fossem recorrentes em sua fala — ele mesmo afirmava que não era necessário repeti-los continuamente —, quando abordava esses assuntos, falava com clareza e firmeza.

O ROSTO DA MISERICÓRDIA

O grande legado do Papa Francisco é Jesus Cristo, por ele definido como “rosto da misericórdia do Pai”. A misericórdia é o coração pulsante do seu magistério.

Seu lema episcopal — *Miserando atque eligendo* (“Olhou-o com misericórdia e o escolheu”) — exprime sua autocompreensão: “Sou um pecador a quem o Senhor olhou com misericórdia” (Entrevista à *La Civiltà Cattolica*, 2013).

Dessa visão nasce toda a sua eclesiologia: a misericórdia como estilo eclesial. A Igreja deve ser casa paterna de portas abertas, lugar de acolhimento e perdão, em que o primeiro anúncio — o querigma — ocupa o centro, como manifestação da graça salvadora que alcança a todos.

Por isso, proclamou em 2015 o Ano Santo da Misericórdia, apresentando a Igreja como “Casa da Misericórdia para todos os povos”. Ao concluí-lo, escreveu: “A misericórdia não é uma pausa na vida da Igreja, mas é a sua própria existência.” (*Misericordia et Misera*, 1)

A misericórdia, para ele, é o antídoto contra o legalismo mesquinho, e o impulso para buscar os feridos nas periferias existenciais, à maneira do bom samaritano.

DE MARIA A MARIA

As intuições de Francisco nasceram sob o som das orações e cantos dos romeiros em Aparecida — experiência que o marcou profundamente, ainda mais por ter sido a primeira Assembleia do Celam em um Santuário Mariano (cf. Discurso aos responsáveis pelo Celam, 2013). A presença de Maria acompanhou todo o seu pontificado.

Teve especial carinho por Nossa Senhora Aparecida, a quem entronizou nos Jardins Vaticanos em 2016: “Apraz-me que a imagem de Nossa Senhora Aparecida esteja nos Jardins. Em 2013 prometi que voltaria. Não sei se será possível, mas pelo menos tenho-a mais perto, aqui.”

Na viagem ao Brasil, exclamou no Santuário Nacional: “Quanta alegria me dá vir à casa da Mãe de cada brasileiro!” E lembrou: “Aquela Conferência foi um grande momento de vida da Igreja. E, de fato, pode-se dizer que o *Documento de Aparecida* nasceu justamente deste encontro entre os trabalhos dos pastores e a fé simples dos romeiros, sob a proteção maternal de Maria.”

No dia seguinte à sua eleição, foi à Basílica de Santa Maria Maior para consagrar seu pontificado à Virgem Salus Populi Romani. Antes e depois de cada viagem, sempre voltava lá, como um filho.

Agora, em sua última viagem — a que o conduz à eternidade — o Santo Padre, contrariando a tradição de ser sepultado nas Grutas Vaticanas, quis repousar em um simples caixão, sem ostentação, na Basílica de Santa Maria Maior, a mais antiga das igrejas marianas do Ocidente.

Com a simplicidade de um filho, entrega-se aos braços da Mãe, deixando a Igreja órfã — em pleno Jubileu. Chegando à meta, despede-se de seus filhos, que continuam a marcha rumo ao Céu, como “peregrinos de esperança”.



Testamento espiritual do Papa Francisco

'Miserando atque eligendo'

Em Nome da Santíssima Trindade. Amém.

Sentindo que se aproxima o ocaso da minha vida terrena e com viva esperança na Vida Eterna, desejo expressar a minha vontade testamentária somente no que diz respeito ao local da minha sepultura.

Sempre confiei a minha vida e o ministério sacerdotal e episcopal à Mãe do Nosso Senhor, Maria Santíssima. Por isso, peço que os meus restos mortais repousem, esperando o dia da ressurreição, na Basílica Papal de Santa Maria Maior.

Desejo que a minha última viagem terrena se conclua precisamente neste antiquíssimo santuário mariano, onde me dirigia para rezar no início e fim de cada viagem apostólica, para entregar confiadamente as minhas intenções à Mãe Imaculada e agradecer-Lhe pelo dócil e materno cuidado.

Peço que o meu túmulo seja preparado no nicho do corredor lateral entre a Capela Paulina (Capela da Salus Populi Romani) e a Capela Sforza desta mesma Basílica Papal, como indicado no anexo.

O túmulo deve ser no chão; simples, sem decoração especial e com uma única inscrição: Franciscus.

As despesas para a preparação da minha sepultura serão cobertas pela soma do benfeitor que providenciei, a ser transferida para a Basílica Papal de Santa Maria Maior e para a qual dei instruções apropriadas ao Arcebispo Rolandas Makrickas, Comissário Extraordinário do Cabido da Basílica.

Que o Senhor dê a merecida recompensa àqueles que me quiseram bem e que continuarão a rezar por mim. O sofrimento que estive presente na última parte de minha vida, eu o ofereço ao Senhor pela paz no mundo e pela fraternidade entre os povos.

Santa Marta, 29 de junho de 2022

Livraria Loyola a mais completa em livros e artigos católicos!

Livraria Loyola
sempre um bom livro para você
.com.br

Incenso Holandês 500gr
DE: R\$ 206,00
POR: R\$ 233,90

Incenso Libanês 500gr
DE: R\$ 79,00
POR: R\$ 71,10

Incenso Gloria 300gr
DE: R\$ 289,00
POR: R\$ 224,10

Carvão Gloria 90 pastilhas
DE: R\$ 199,00
POR: R\$ 179,10

CÍRIO PASCAL ESCULPIDO JUBILEU
BRANCO | AMARELO
40 X 09 - R\$ 338,95
60 X 07 - R\$ 502,40
80 X 9,5 - R\$ 611,60
100 X 9,5 - R\$ 733,40

CÍRIO PASCAL ADESIVO JUBILEU
BRANCO | AMARELO
30 X 07 - R\$ 95,90
45 X 07 - R\$ 155,90
60 X 07 - R\$ 203,90
60 X 9,5 - R\$ 323,90
80 X 9,5 - R\$ 395,90
90 X 9,5 - R\$ 419,90

TODOS OS MODELOS ACOMPANHAM CRAVOS.
Para pedidos ligue: 0800 77 20 756

Loja Senador

Rua. Senador Feijó, 120 Centro
São Paulo, SP - CEP 01006-000
lojasenador03@livrarialoyola.com.br

Loja Quintino

Rua. Quintino Bocaiúva, 234 Centro
São Paulo, SP - CEP 01004-010
lojaquintino05@livrarialoyola.com.br

Loja Campinas

Rua. Barão de Jaguara, 1389 Centro
Campinas, SP - CEP 13015-002
lojacampinas03@livrarialoyola.com.br

Loja Santos

Rua. Padre Visconde, 08 Embaré
Santos, SP - CEP 11040-150
lojasantos04@livrarialoyola.com.br



www.livrarialoyola.com.br

Líderes mundiais enaltecem o legado do Papa

JOSÉ FERREIRA FILHO
osaopaulo@uol.com.br

Homenagens foram feitas em todas as partes, oferecendo condolências aos católicos e elogiando o compromisso do Pontífice com a paz entre os povos, o bem comum e os pobres, refugiados e marginalizados. A seguir, **O SÃO PAULO** apresenta um apanhado de algumas dessas declarações, que demonstram o reconhecimento que Francisco obteve entre autoridades políticas e religiosas de todo o mundo.

“A humanidade perde uma voz do respeito e acolhimento ao próximo... Assim como ensinado na oração de São Francisco de Assis, o argentino Jorge Bergoglio buscou de forma incansável levar o amor onde existia o ódio; a união onde havia a discórdia. E a compreensão de que somos todos iguais, vivendo em uma mesma casa, o nosso planeta, que precisa urgentemente dos nossos cuidados. Com sua simplicidade, coragem e empatia, Francisco trouxe ao Vaticano o tema das mudanças climáticas. Criticou vigorosamente os modelos econômicos que levaram a humanidade a produzir tantas injustiças.”

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil

“O Papa Francisco também compreendeu que proteger nossa casa comum é, no fundo, uma missão e responsabilidade profundamente moral que pertence a cada pessoa.”

Antônio Guterres, secretário-geral da ONU

“Tive o privilégio de desfrutar de sua amizade, seus conselhos e seus ensinamentos, que nunca falharam, mesmo em momentos de provação e sofrimento. Ele convocou o mundo a buscar o caminho da paz, perseguir o bem

comum e construir uma sociedade mais justa e equitativa. Seus ensinamentos e seu legado não serão perdidos. Um grande homem e um grande pastor!”

Giorgia Meloni, primeira-ministra da Itália

“Um humanista, um homem que sempre esteve próximo dos mais humildes. Deixa um grande legado de verdadeiro amor ao próximo. Para católicos e não católicos, é uma grande perda. Conhecê-lo foi uma grande honra e privilégio. Descanse em paz.”

Claudia Sheinbaum, presidente do México

“Ele era um homem muito bom, que trabalhou duro e amou o mundo. “Descanse em paz, Papa Francisco! Que Deus o abençoe e a todos que o amavam!”

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos

“Ele exemplificou a liderança servidora por meio de sua humildade, seu compromisso inabalável com a inclusão e a justiça, e sua profunda compaixão pelos pobres e vulneráveis.”

William Ruto, presidente do Quênia

“Isto eu posso definitivamente dizer: este é um homem fora do comum, que tratou a Rússia de uma maneira extremamente positiva, e vamos nos lembrar disso. Ele foi um fiel servidor da doutrina cristã, um sábio religioso e estadista, e um defensor consistente dos altos valores do humanismo e da justiça. O fato de o Papa ter morrido exatamente nos dias de Páscoa... Eu não sei como é com os católicos, mas os ortodoxos têm esse entendimento, uma tradição interna, uma compreensão tradicional de que se Deus chamar um homem para si mesmo nos dias de Páscoa, é um sinal especial de que essa pessoa não passou a vida em vão. Ele fez muito bem às pessoas, não apenas ao seu rebanho, mas também ao mundo como um todo.”

Oferecemos nossas mais profundas condolências a todo o mundo cristão e, acima de tudo, aos católicos.”

Vladimir Putin, presidente da Rússia

“A morte de Francisco foi a maior perda para a humanidade em um momento em que o mundo está em turbulência por falta de uma liderança sábia e compassiva.”

José Ramos-Horta, presidente de Timor-Leste

“A sua vida foi dedicada a Deus, às pessoas e à Igreja. Ele sabia como dar esperança, aliviar o sofrimento por meio da oração e promover a unidade. Ele rezou pela paz na Ucrânia e pelos ucranianos. Lamentamos juntamente com os católicos e todos os cristãos que procuraram apoio espiritual no Papa Francisco. Memória eterna!”

Volodymyr Zelensky, presidente da Ucrânia

“Ele foi um símbolo da humanidade que promoveu o entendimento entre as religiões e apoiou os direitos dos oprimidos, refugiados e marginalizados. Ele fortaleceu as relações com [a mesquita de] Al Azhar, no Cairo, e o mundo islâmico por meio de suas visitas a vários países árabes e muçulmanos e suas visões justas e humanas, particularmente sobre a agressão contra Gaza e a luta contra a islamofobia abjeta.”

Grande Imã Ahmed al-Tayeb, autoridade muçulmana do Egito

“Por ser o primeiro líder católico do Hemisfério Sul, sempre sentimos Francisco muito próximo ao povo da Austrália. Para os católicos australianos, ele foi um defensor devoto e um pai amoroso.”

Anthony Albanese, primeiro-ministro da Austrália

“Apesar de diferenças que hoje parecem menores, ter podido conhecê-lo em sua bondade e sabedoria foi uma verdadeira

honra para mim. Como presidente, como argentino e, fundamentalmente, como um homem de fé, despeço-me do Santo Padre e me uno a todos os que hoje se deparam com esta triste notícia.”

Javier Milei, presidente da Argentina

“De Buenos Aires a Roma, o Papa Francisco queria que a Igreja levasse alegria e esperança, especialmente aos mais pobres. Que ela trabalhasse pela união entre os homens, e entre a humanidade e a natureza. Que essa esperança continue a renascer, para além dele. A todos os católicos, e ao mundo enlutado, dirigimos os nossos mais sinceros pensamentos.”

Emmanuel Macron, presidente da França

“Francisco foi guiado pela humildade e simplicidade ao longo de seu ministério pastoral. Ele foi um grande apóstolo da misericórdia, na qual viu uma resposta para os desafios do mundo moderno.”

Andrzej Duda, presidente da Polônia

“O Papa Francisco se dedicou a servir aos outros [...] demonstrando consistentemente por meio de suas próprias ações como viver uma vida simples, mas significativa.”

Dalai Lama, líder budista tibetano exilado na Índia

“Ele, com razão, via grande importância em fomentar laços fortes com o mundo judaico e em promover o diálogo inter-religioso. Descanse em paz, Papa Francisco! Que sua memória seja uma bênção e continue a inspirar atos de bondade, unidade e esperança. Que suas orações pela paz no Oriente Médio se concretizem.”

Isaac Herzog, presidente de Israel

Fontes: The New York Times, G1, Metrôpoles, Terra, O Globo, Carta Capital e Folha de Maputo (Angola)

PIPOLI AGLIANICO DEL VULTURE
Terra, vino e passione.

VIGNI DEL VULTURE
VINO VITIS E PASSIONE

PIPOLI
AGLIANICO DEL VULTURE
DENOMINAZIONE DI ORIGINE CONTROLLATA

750 ml e

FANTINI

APRECIE COM MODERAZIONE

CAMPAIGN FINANCED ACCORDING TO EU REG. NO. 1308/2013

Cardeal Scherer destaca o exemplo de humanidade e de serviço de Francisco à Igreja

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

“O Papa Francisco deixou uma marca importante na vida da Igreja e da humanidade”, disse o Cardeal Odilo Pedro Scherer à multidão de fiéis que participou, na tarde da segunda-feira, 21, na Catedral da Sé, da missa em sufrágio do Pontífice, que morreu na manhã daquele dia, aos 88 anos, em decorrência de AVC, coma e colapso cardiorrespiratório.

No começo da missa, o Arcebispo Metropolitano rogou a Deus para que acolha e recompense o Papa Francisco por todo o bem que realizou e recordou que os católicos rendem graças ao Senhor pelas boas marcas deixadas pelo Santo Padre.

Dom Odilo recordou, na homilia, que o Pontífice não escondeu as fragilidades que as enfermidades lhe impuseram na parte final da vida e que continuou a trabalhar até quando suas forças permitiram.

“Vimos todos as imagens marcantes no Domingo de Páscoa, quando ele apareceu na sacada da Basílica de São Pedro para a bênção *‘Urbi et Orbi’*, e já parecia extremamente debilitado. Apenas com um fiozinho de voz, desejou feliz Páscoa a todos, e com um esforço muito grande, com um gesto muito leve de sua mão, abençoou a multidão. Isso ficará, sem dúvida, como sinal da sua doação humana, por inteiro, para cumprir a sua missão até o fim”, destacou Dom Odilo.



Dom Odilo roga a Deus para que acolha e recompense o Papa e exorta católicos a render graças ao Senhor pelas marcas deixadas por Francisco

DEFENSOR DA VIDA E SERVIDOR DA IGREJA

O Arcebispo enfatizou que Francisco deixou um legado de valorização da dignidade da vida humana, em meio à atual “cultura do descarte” – expressão recorrentemente usada pelo Pontífice em alusão ao desprezo às coisas e às pessoas devido à lógica da eficiência, da automação e do “aqui e agora” – pela qual, conforme recordou Dom Odilo, se descartam os pobres, os doentes, os idosos, as crianças indesejadas, os migrantes, os refugiados, bem como se excluem as pessoas pelas suas ideologias ou pela religiosidade que professam.

“O Papa Francisco nos deixou mui-

to forte esta mensagem: não podemos descartar a pessoa humana. Quem quer que seja, é sempre um filho de Deus, uma filha de Deus, e quanto mais sofre, quanto mais é frágil, tanto mais merece nossa atenção e cuidado. A condição humana é também a condição da fragilidade, não é só da força, da eficiência, da capacidade física ou intelectual”, prosseguiu.

O Cardeal Scherer também sublinhou que Francisco deu testemunho de serviço total à Igreja, inclusive diante de situações adversas, perante as quais ele muito ouvia, fazia um profundo discernimento e decidia por um firme propósito: “Após discernir, o Papa

apontava para a direção certa, e nós devemos agradecer-lhe a lucidez, a força com que o fez”.

‘DAI-LHE, SENHOR, O DESCANSO ETERNO’

Antes do término da missa, o Arcebispo Metropolitano convidou a assembleia de fiéis a com ele suplicar a Deus pelo Papa Francisco: “Dai-lhe, Senhor, o descanso eterno. E brilhe para ele a Vossa luz. Descanse em paz”.

Por fim, recomendou que passado o funeral do Papa Francisco, todos os católicos permaneçam em oração, pedindo a Deus que ilumine e inspire a escolha do novo Pontífice.

Dom Odilo recorda a firmeza do Papa nos princípios da fé e a abertura ao diálogo

Antes de presidir a missa em sufrágio do Papa Francisco, na segunda-feira, 21, na Catedral da Sé (leia mais acima), o Cardeal Odilo Pedro Scherer atendeu os jornalistas em coletiva de imprensa.

O Arcebispo de São Paulo disse que, como todos, recebeu com muito pesar a morte de Francisco, mas não com surpresa, dada as debilidades de suas condições de saúde, desde que foi internado em fevereiro, durante 38 dias, e suas progressivas dificuldades motoras e convivência com dores frequentes.

GRANDE CONTRIBUIÇÃO ECLESIAL

“Temos muito a agradecer a Deus pela vida do Papa Francisco”, ressaltou Dom Odilo, listando as contribuições do Pontífice à Igreja, especialmente o empenho em torná-la mais missionária e a reforma de suas estruturas internas para que seja cada vez mais a comunidade dos batizados e não uma instituição somente clerical, ações em linha com o Concílio Vaticano II.

O Arcebispo de São Paulo recordou, ainda, o testemunho de simplicidade do Pontífice e a firmeza com a qual deu continuidade no combate aos abusos morais na Igreja, em um processo iniciado por seus antecessores.



Dom Odilo também destacou a ocupação de Francisco com as periferias sociais, geográficas, econômicas e existenciais, além da maior internacionalização do colégio cardinalício.

“Hoje, damos graças a Deus pela vida dele, pelo testemunho dele que ficará marcado. Como Francisco dizia, na Igreja importa desencadear processos que ao longo do tempo vão produzir efeitos, frutos, e foi o que ele procurou fazer, como no último Sínodo, em um processo de uma Igreja mais sinodal”, comentou Dom Odilo, destacando que Francis-

co foi firme no que se refere à afirmação dos princípios da fé católica, mas sempre aberto ao diálogo, sem excluir quem quer que seja.

O CONCLAVE E O FUTURO DA IGREJA

Questionado pelos jornalistas sobre o futuro da Igreja, Dom Odilo explicou que serão realizadas as congregações gerais, antes da celebração do conclave, no qual os cardeais com menos de 80 anos poderão eleger o novo papa. Este é o caso de Dom Odilo, atualmente com 75 anos.

“A escolha de um papa é feita por um discernimento coletivo. Nas congregações gerais, os cardeais analisam a situação da Igreja, do mundo, os desafios e necessidades, e daí vão traçando a identidade de quem será escolhido. A escolha não vem de conchavos feitos anteriormente. Ela vem de um discernimento pela oração e senso de responsabilidade em relação à Igreja, e não por uma ideologia ou gosto”, enfatizou Dom Odilo.

Perguntado sobre qual deve ser o perfil do próximo Papa, o Cardeal ponderou que cada pessoa tem um estilo próprio – “Não se deve imaginar um Francisco II, ainda que adote este nome, será um papa diferente” –, mas independentemente de quem seja o escolhido, levará adiante os ensinamentos da Igreja.

Por fim, Dom Odilo recordou-se dos encontros com o Papa no Vaticano, ocasiões em que Francisco sempre era paciente ao escutá-lo e sucinto, porém, sábio nas orientações que passava. A última vez em que o Arcebispo de São Paulo esteve com o Pontífice foi na audiência geral de 12 de fevereiro, dois dias antes de o Papa ser internado no Hospital Policlínico Agostino Gemelli, em Roma. (DG)

BELÉM

Dom Cícero Alves de França: 'Jesus é a luz em nós'

FERNANDO ARTHUR
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Na noite do Sábado Santo, 19, Dom Cícero Alves de França presidiu a Solene Vigília Pascal na Paróquia Cristo Rei, Decanato São Lucas, tendo como concelebrantes os Padres Lauro Wisnieski, Pároco e Decano, e Luiz Paulo de Souza, Vigário Paroquial.

A celebração foi iniciada no escuro, simbolizando a espera pelo Salvador, até que a luz do Círio Pascal rompeu as trevas como sinal da vitória da vida sobre a morte.

Durante a Vigília Pascal, três adultos receberam o sacramento do Batismo e

outros 16 foram confirmados na fé cristã pelo sacramento da Crisma.

Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém convidou os fiéis a mergulharem no significado da solene Vigília e no mistério da Ressurreição de Cristo: "Jesus é a luz em nós. Começamos esta celebração no escuro, vendo à frente um Círio Pascal, sinal de que o escuro é suscitado. A luz serve para mostrar a nossa própria identidade. A luz é símbolo de Jesus ressuscitado, é o símbolo do bem".

"Deixemos que Ele ressuscite nossos corações, para que se tornem novos, se tornem moradas de Deus, Aquele que venceu a morte", exortou Dom Cícero.



Pascom paroquial



Pascom paroquial

Na noite da Quinta-feira Santa, 17, Dom Cícero Alves de França presidiu, na **Paróquia São Filipe Néri**, Decanato Santa Maria Madalena, a Missa da Ceia do Senhor, que recorda que Jesus instituiu a Eucaristia e deu aos apóstolos seu novo mandamento – "Amai uns aos outros como eu vos amei". A missa foi concelebrada pelos sacerdotes da Congregação do Oratório, entre os quais o Padre Josivaldo Barreto, CO, Pároco. No rito do lava-pés, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém lavou os pés de 12 crianças da catequese.

(por Pascom paroquial)



Pascom paroquial

Na Sexta-feira Santa, 18, Dom Cícero Alves de França presidiu a Ação Litúrgica da Paixão do Senhor na **Paróquia Nossa Senhora de Lourdes**, Decanato Santa Maria e São José. Concelebrou o Padre Juliano Maroso Gonçalves, Pároco e Decano. "A cruz de Jesus é o sinal mais eloquente e forte de que Deus se abaixa, sofre, assume a nossa vida, morre para nos libertar, morre para nos dar a vida", ressaltou o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém.

(por Fernando Arthur)



Pascom paroquial

Na manhã do Domingo da Páscoa da Ressurreição do Senhor, 20, Dom Cícero Alves de França presidiu missa na **Paróquia São João Batista**, no Brás, Decanato Santa Maria e São José, e conferiu o sacramento da Confirmação a 30 jovens e adultos. A missa foi concelebrada pelo Padre Valdeir dos Santos Goulart, Administrador Paroquial, e assistida pelo Diácono Pedro Ernesto dos Santos, Assistente Pastoral.

(por Fernando Arthur)



Pascom paroquial

Dom Cícero Alves de França presidiu a missa do Domingo da Páscoa da Ressurreição do Senhor, 20, pela manhã, na **Paróquia Imaculado Coração de Maria**, Decanato Sant'Ana e São Joaquim. Concelebrou o Padre Vidal Valentín Cantero Zapattini, CSS, Decano, com a assistência do Diácono Valter Donizeti. Na ocasião, o Bispo apresentou à comunidade as Irmãs Carmem Lúcia de Almeida e Maria Adelmá Gomes de Sá França, da Congregação das Irmãs de São Francisco da Providência de Deus, que irão realizar o trabalho missionário na Paróquia.

(por Kaique Mazaia)



Pascom paroquial

Na noite do Domingo da Páscoa da Ressurreição do Senhor, 20, Dom Cícero Alves de França presidiu missa na **Paróquia São Marcos Evangelista**, Decanato Sant'ana e São Joaquim, durante a qual conferiu o sacramento da Confirmação a 14 jovens e adultos. Concelebraram os Padres Irineu Dossou, SVD, Pároco; Youping Duan, SVD, Vigário Paroquial; e Joseph Dillon, SVD, Colaborador.

(Por Kaique Mazaia)

LAPA

Dom Carlos Lema Garcia preside a Vigília Pascal na Paróquia Nossa Senhora do Monte Serrate



Benigno Naveira

BENIGNO NAVEIRA
COLABORADOR DE COMUNICAÇÃO NA REGIÃO

Na noite do Sábado Santo, 19, a comunidade de fiéis da Paróquia Nossa Senhora do Monte Serrate, em Pinheiros, Decanato São Simão, participou da Solene Vigília Pascal, presidida por Dom Carlos Lema Garcia, Bispo Auxiliar da Arquidiocese e Vigário Episcopal para a Educação e a Universidade.

A solenidade, concelebrada pelo Padre Vandro Pisaneschi, Pároco, começou no

Largo da Batata, com a bênção do fogo novo e o acendimento do Círio Pascal.

Na homilia, Dom Carlos Lema ressaltou que com aquela celebração era chegado o momento central do ano litúrgico e lembrou que, na Páscoa, Jesus “nos pede uma ressurreição espiritual, suplica que caminhemos para deixar a escravidão do pecado e alcançar a liberdade dos filhos de Deus”.

O Bispo também conferiu o sacramento do Batismo ao pequeno Francisco Rodrigues Clementino, de 50 dias de vida.



Ana Carolina Paz

Na noite da Quinta-feira Santa, 17, os fiéis da **Paróquia São João Maria Vianney**, na Água Branca, Decanato São Simão, participaram da Missa da Ceia do Senhor, presidida pelo Padre João Carlos Deschamps de Almeida, Pároco e Vigário Geral Adjunto da Região Lapa. Durante a celebração, houve o rito do lava-pés. O Sacerdote também presidiu a Ação Litúrgica da Sexta-feira da Paixão, 18; a Solene Vigília Pascal, no sábado, 19; e a missa do Domingo da Páscoa da Ressurreição do Senhor, 20.

(por Benigno Naveira)

No domingo da Páscoa da Ressurreição do Senhor, 20, os fiéis da **Comunidade São João Batista**, na Vila Rizzo, Área Pastoral da Paróquia Santo Alberto Magno, Decanato São Bartolomeu, participaram da missa presidida por Dom Fernando José Penteadó, Bispo Emérito de Jacareizinho (PR). Na homilia, ele enfatizou que o centro da fé cristã está na Ressurreição do Senhor, e que os batizados recebem e assumem a mesma missão de Jesus.

(por Benigno Naveira)



Benigno Naveira

SÉ



Pascom paroquial

No Sábado Santo, 19, Dom Rogério Augusto das Neves presidiu a Solene Vigília Pascal na **Paróquia Nossa Senhora da Consolação**, Decanato São João Evangelista. Na ocasião, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Sé ressaltou: “A Ressurreição de Jesus lança luz sobre o grande mistério do ser humano e faz com que o ser humano encontre em sua vida a razão de existir e a razão da sua esperança.” A missa foi concelebrada pelos Padres Alessandro de Borbón, Pároco, e Assis Donizetti de Carvalho, Vigário Paroquial.

(por Pascom Paroquial)



Pascom paroquial

No Domingo da Páscoa da Ressurreição do Senhor, 20, Dom Rogério Augusto das Neves presidiu missa na **Paróquia Divino Salvador**, Decanato São Tomé, concelebrada pelos Padres Sidney José Barone, Pároco emérito, e Edson Donizete Toneti, Administrador Paroquial. O Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Sé destacou a frequência da palavra “túmulo” no texto do Evangelho segundo São João, que está “vazio”, e enfatizou a atitude do discípulo que “viu e acreditou”. Comentou, ainda, que, como cristãos, sabemos que é Ele quem traz a vida e que dá sentido à dor, à tristeza e ao desânimo. Deus abre o caminho da vida no meio da morte, alimentando o nosso peregrinar na esperança.

(por Padre Edson Donizete Toneti)



Luciney Martins/O SÃO PAULO

Na Sexta-feira Santa, 18, no centro da cidade, aconteceu a **Via-Sacra do Povo da Rua**, iniciada na Praça do Patriarca com um momento de oração e a motivação feita pelo Padre Júlio Lancellotti, Vigário Episcopal para a Pastoral do Povo da Rua, e concluída na Catedral da Sé, na qual os participantes foram acolhidos pelo Padre Luiz Eduardo Baronto, Cura da Catedral, e o Cônego Helmo Cesar Faccioli, Auxiliar do Cura.

(por Redação)

SOLUÇÕES ECLESIAIS ORGSYSTEM



Acссе nosso site e conheça nossos produtos!



“Orgsystem, inovando sempre para melhor atendê-lo”

Liturgia e Vida

2º DOMINGO DA PÁSCOA
27 DE ABRIL DE 2025

‘Por Suas feridas, fomos curados’ (1Pd 2,24)

PADRE JOÃO BECHARA VENTURA

A Ressurreição do Senhor é uma festa tão grande que a Igreja a comemora durante uma semana, a chamada Oitava da Páscoa. Esses dias constituem uma só solenidade; as missas têm o hino “Glória” e se pode cantar a Sequência Pascal. O Domingo da Ressurreição se estende por toda a semana para, depois, irradiar-se pelos demais Domingos do ano, nos quais comemoramos a Ressurreição.

O Domingo na Oitava é também chamado Domingo da Misericórdia, pois nele contemplamos o momento em que o Senhor concedeu aos Apóstolos o poder de perdoar os pecados. Ao aparecer-lhes, Jesus ressuscitado não os repreendeu. Não lhes lançou em face a incredulidade e a fraqueza demonstradas durante a Paixão... Ao invés, disse-lhes simplesmente: “A paz esteja convosco” (Jo 20,19). Em seguida, mostrou-lhes as chagas das mãos e do lado perfurado. Com esse gesto, o Senhor queria dizer-lhes: “Sou Eu, o Crucificado, não duvidem!” Além disso, mostrava-lhes que aquelas santas chagas que, no Calvário, trouxeram-nos a salvação continuam abertas para nós. Já não lhes causam dor, mas, agora visíveis e gloriosas, permanecem sempre.

Era como se Jesus lhes dissesse: “Eu vivo eternamente e, no meu Corpo imolado e ressuscitado, a redenção continuará”. Por isso, em seguida, Ele soprou sobre os Apóstolos e lhes disse: “Recebi o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados, eles lhes serão perdoados; a quem não os perdoardes, eles lhes serão retidos” (Jo 20,22s). Desse modo, Cristo instituiu o sacramento da Confissão. Conferiu aos Apóstolos e a seus sucessores o poder de, em seu Nome, perdoar os pecados dos homens. A humanidade não ficou órfã: poderá, até o final dos tempos, receber abundantemente o perdão de suas transgressões por meio da Igreja.

O Senhor quis deixar evidente a relação entre as suas chagas e o perdão dos pecados. São Pedro, depois, compreenderia esse mistério à luz da profecia de Isaías: “Ele levou os nossos pecados em Seu próprio corpo, por suas feridas nós fomos curados” (cf. 1Pd 2,24). É isso que acontece a cada vez em que nos confessamos: o Senhor nos toca e, com suas chagas, lava-nos e purifica-nos. Com suas feridas físicas – que permanecem no Corpo glorioso – Ele sana as feridas de nossa alma.

Uma antiga oração atribuída a Santo Inácio de Loyola contém a seguinte invocação ao Redentor: “Dentro de vossas chagas, escondi-me. Não permitais que me separe de vós”. Quando nos confessamos, “escondemo-nos” nas chagas do Cristo Ressuscitado. Esta é a garantia que temos de jamais nos separar Dele, permanecendo até a morte em Sua graça santificante.

Agradecemos ao Senhor pelo sacramento da Confissão! Não é um sacramento de tristeza... É sacramento de vida, de cura e de Ressurreição. Pelo pecado grave, morremos espiritualmente; por meio da Confissão, ressuscitamos com Ele! Aproximemo-nos desse tesouro com frequência, devoção e reverência, como quem toca e beija as feridas do Senhor.

SANTANA

Vigário episcopal preside celebrações da Vigília Pascal e do Domingo da Páscoa na Paróquia Santa Luzia

Denilson Rabelo

DENILSON RABELO
COLABORAÇÃO ESPECIAL
PARA A REGIÃO

Na manhã do domingo, 20, os fiéis da Paróquia Santa Luzia, Decanato Santo Estêvão, participaram da missa da Páscoa da Ressurreição do Senhor, presidida pelo Padre Carlos Alberto Doutel, Pároco e Vigário Episcopal e Geral para a Região Santana.

“O túmulo está vazio. A vítima pascal não está mais ali. O ódio de seus inimigos não O derrotou. Ele está vivo!”, proclamou o Sacerdote.

“Jesus ressuscitado vai nos ensinar, com sua presença real e amorosa na liturgia, na Eucaristia e em cada gesto de fé. Ele é a luz que ilumina nossa vida, como o Círio Pas-

cal aceso na Vigília do Sábado Santo”, destacou.

“Cristo ressuscitado está no meio de nós. Ele vence o pecado, o egoísmo e todas as formas do mal. Somos chamados, dia após dia, a nos deixar tocar por essa luz e caminhar com a certeza da Ressurreição.”, concluiu.

Na noite do Sábado Santo, 19, o Padre Carlos Alberto Doutel presidiu a Solene Vigília Pascal na matriz paroquial. A celebração teve início com o rito do lucernário, composto da bênção do fogo novo, da preparação do Círio Pascal e seu acendimento. Depois, os fiéis seguiram em procissão até o interior do templo, para o prosseguimento da vigília e da missa.

Denilson Rabelo

Na Sexta-feira Santa, 18, aconteceu, na Paróquia Santa Luzia, a apresentação da Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, realizada pelo coral Paróquia Santa Luzia e Santa Terezinha. O momento foi transmitido pelo Facebook da Região Santana. A abertura e o encerramento foram conduzidos pelo Padre Carlos Alberto Doutel, Pároco e Vigário Episcopal e Geral para a Região Santana. A apresentação coral foi composta de canções e reflexões sobre os passos de Jesus rumo ao Calvário. (por Denilson Rabelo)



IPIRANGA

Sergio Colangelo



No Sábado Santo, 19, os fiéis da Paróquia Santa Rita de Cássia, Decanato São Mateus, participaram da Solene Vigília Pascal, presidida pelo Padre Jorge Bernardes, Pároco e Vigário Episcopal e Geral para a Região Ipiranga, com a assistência do Diácono Antônio de Mendonça. Na homilia, o Sacerdote enfatizou que a notícia da Ressurreição de Jesus deve trazer paz e alegria ao coração. “Tendo Cristo vencido a morte, nos abriu o caminho para a eternidade”, destacou. Ainda na homilia, ele falou aos fiéis sobre a importância da participação na vida comunitária e sacramental da Igreja. (por Pascom paroquial)

(por Pascom paroquial)

6º CONGRESSO DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO — ESPERANÇA — VERDADE

— 59º Dia Mundial das Comunicações Sociais —

Promoção: Paulinas SP, Paroquia, PASCOM, SIGNIS BRASIL

Dias 22, 23 e 24 de maio 2025

Dias 22 e 23 – das 20 às 21h30 - *online*
Dia 24 – das 8h30 às 12h - *presencial*

Auditório Paulo Apóstolo
Rua Dona Inácia Uchoa, 62 - Vila Mariana, São Paulo – SP

EVENTO GRATUITO
Inscreva-se

Consulte o QR Code para mais informações.

BRASILÂNDIA

Dom Carlos Silva: 'Agora, Deus faz novas todas as coisas'

Fotos: Comunidade Nossa Senhora da Aurora e São José

ROBSON LANDIM
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Dom Carlos Silva, OFMCap., presidiu todas as celebrações da Semana Santa na Comunidade Nossa Senhora da Aurora e São José, pertencente à Paróquia Nossa Senhora da Paz, Decanato São Barnabé.

Na noite de quarta-feira, 16, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia participou de uma via-sacra pelos arredores da Comunidade. Ele rezou nas casas, caminhou com o povo de Deus e meditou sobre o caminho de Jesus até Sua Paixão e Morte.

Na Quinta-feira Santa, 17, Dom Carlos presidiu a Eucaristia e realizou o rito do lava-pés com a participação de fiéis de todas as idades. Na tarde da Sexta-feira Santa, 18, ele presidiu a Ação Litúrgica da Paixão do Senhor, e à noite acompanhou a encenação realizada pelos jovens paroquianos.

No Sábado Santo, 19, a Vigília Pascal reuniu todas as comunidades da Paróquia e foi concelebrada pelo Padre Gleidson Luís Novaes, Pároco. Na homilia, Dom Carlos recordou que a Páscoa é "um momento propício para olharmos para a nossa história, para vermos como Cristo realiza maravilhas em nós". Disse, ainda, que



na Vigília Pascal sucedeu uma grande explosão, "um 'big-bang', um novo começo, um novo universo. Agora, Deus faz novas todas as coisas, tudo se torna novo!"

No Domingo de Páscoa da Ressurrei-



ção do Senhor, o Prelado refletiu sobre o relacionamento interpessoal, lembrando que a oração e a intimidade com Deus são os melhores remédios para que os maus sentimentos deixem de habitar o

coração das pessoas. "Isso é Páscoa, isso é ressurreição", concluiu. Por fim, ele convidou os fiéis a se unirem em volta do Círio Pascal, pedindo a luz de Cristo para suas vidas.

Expressões de gratidão marcam a missa de corpo presente de Dom Angélico

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

A igreja matriz da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, na Vila Zatt, Região Brasilândia, esteve lotada de fiéis, presbíteros e autoridades na tarde do dia 16, para a missa de corpo presente de Dom Angélico Sândalo Bernardino, Bispo Emérito de Blumenau (SC), que falecera no dia anterior, aos 92 anos, na casa paroquial, na qual estava sob os cuidados de dois amigos Padres: Antônio Leite Barbosa Júnior, Pároco, e Armênio Nogueira, Vigário Paroquial.

Nascido em Saltinho (SP), em 19 de janeiro de 1933, Dom Angélico era conhecido como o "Dom dos Pobres", seja na Região Brasilândia, em que foi Vigário Episcopal entre 1989 e 2000, seja nas Regiões Leste 1 (atual Região Belém) – a primeira em que atuou como Bispo Auxiliar de São Paulo, após ser ordenado em 1975 – e Leste 2 (atual Diocese de São Miguel Paulista), entre 1976 e 1989. Entre junho de 2000 e fevereiro de 2009, ele foi o primeiro Bispo da Diocese de Blumenau.

A Eucaristia foi presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo que, ao saudar a todos, destacou a trajetória operosa de Dom Angélico como padre e bispo: "Queremos agora apresentar a sua vida a Deus com ação de graças por tudo o que ele fez e significou".

'ELE PERCEBEU BEM O QUE É ESSENCIAL NA VIDA'

Na homilia, o Cardeal Scherer recordou que o que vale na vida é ser since-



Clérigos e fiéis participam da missa de corpo presente de Dom Angélico Bernardino, dia 16

ramente bom, justo, respeitoso e, principalmente, tudo aquilo que é realizado para a honra e glória de Deus, como o fez Dom Angélico.

O Arcebispo recordou a Eucaristia que celebrou em 25 de janeiro por ocasião dos 50 anos de episcopado de Dom Angélico. "Eu celebrei a missa com ele no quarto do hospital. Dom Angélico estava sereno, tranquilo e agradecido a Deus, e só dizia 'muito obrigado', repetidas vezes. Acho que naquele momento, ele vivia exatamente o espírito das bem-aventuranças. Ele percebeu bem o que é o essencial na vida", comentou.

Durante a homilia, Dom Odilo pas-

sou a palavra a alguns bispos concelebrantes, entre os quais Dom Fernando José Penteadado, Bispo emérito de Jacarezinho (PR) e que, como Bispo Auxiliar da Arquidiocese, conviveu por mais de 20 anos com Dom Angélico. O Prelado destacou que o colega de episcopado tinha profunda fé em Jesus Cristo – "Essa era a razão de tudo que ele fazia"; se empenhou na luta contra as injustiças; "Sempre trazia uma alegria, esperança, mas também uma verdade sobre a qual devíamos pensar"; tinha grande devoção a Nossa Senhora – "Rezava o Terço todo dia e isso marcou muito não só o coração dele, mas o de todos que com ele conviviam" – e nunca queria estar sozinho e entendia a Igreja como a grande família de Deus.

O PASTOR AO LADO DO POVO

Em entrevista ao O SÃO PAULO, o Cônego José Renato Ferreira, Vigário Geral-adjunto para a Região Brasilândia, recordou o papel de Dom Angélico para animar a ação evangelizadora nesta porção da Igreja na Arquidiocese.

"Ele sempre motivava esse modelo de uma 'Igreja rueira', que o Papa Francisco chama de 'Igreja em saída'. Pelos morros da Brasilândia, o seu testemunho maior como pessoa, como profeta, pastor, bispo, é o testemunho da misericórdia. Tudo o que Dom Angélico fez a todas as pessoas, de todos os níveis, de todas as ideologias políticas, foi por causa da misericórdia, desde carregar alça de caixa quando não havia gente suficiente para isso, até se envolver em favor da dignidade das pessoas em situação de vulnerabilidade", ressaltou o Cônego.

Dom Carlos Silva, OFMCap., Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia, comentou à reportagem sobre a sensibilidade de Dom Angélico perante as realidades que encontrava, especialmente "seu respeito, amor e carinho com os mais pobres. Seu lema episcopal é 'Deus é amor' e se houve alguém que permaneceu fiel ao amor de Deus foi esse Bispo profeta e pastor".

Antes do rito da encomendação do corpo, Dom Carlos Silva puxou o coro do "Muito obrigado, Dom Angélico". Após a missa, o corpo de Dom Angélico foi trasladado para Blumenau, sendo sepultado na quinta-feira, 17, na Catedral daquela Diocese.

Benditas palavras de Francisco

Vatican Media/Arquivo

“A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria.”

(Evangelii gaudium, 1)

“A Igreja deve ser como Deus: sempre em saída; e quando a Igreja não está em saída, adoece com os tantos males que temos nela. E por que há estas doenças na Igreja? Porque não está em saída. É verdade que, quando saímos, há o perigo de um acidente. Mas é melhor uma Igreja acidentada, por sair, por anunciar o Evangelho, do que uma Igreja que está doente por fechamento. Deus sai sempre, porque é Pai, porque ama. A Igreja deve fazer o mesmo: sempre em saída.”

(Angelus, 20 de setembro de 2020)

“Mais do que o ateísmo, o desafio que hoje se nos apresenta é responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com propostas alienantes ou com um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro. Se não encontram na Igreja uma espiritualidade que os cure, liberte, encha de vida e de paz, ao mesmo tempo que os chame à comunhão solidária e à fecundidade missionária, acabarão enganados por propostas que não humanizam nem dão glória a Deus.”

(Evangelii gaudium, 89)

“Não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental. As orientações para a solução exigem uma abordagem integral para combater a pobreza, restaurar a dignidade dos excluídos e, ao mesmo tempo, cuidar da natureza.”

(Laudato si', 2015,139)

“Esperar e agir com a criação significa, então, viver uma fé encarnada, que sabe entrar na carne sofredora e esperançosa das pessoas, partilhando a expectativa da ressurreição corporal a que os fiéis estão predestinados em Cristo Senhor. Em Jesus, o Filho eterno na carne humana, somos verdadeiramente filhos do Pai.”

(Mensagem para o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, 1º de setembro de 2024)

“Não somos autossuficientes, sozinhos afundamos: precisamos do Senhor como os antigos navegadores, das estrelas. Convidemos Jesus a subir para o barco da nossa vida. Confiemos-Lhe os nossos medos, para que Ele os vença. Com Ele a bordo, experimentaremos – como os discípulos – que não há naufrágio. Porque esta é a força de Deus: fazer resultar em bem tudo o que nos acontece, mesmo as coisas ruins. Ele serena as nossas tempestades, porque, com Deus, a vida não morre jamais.”

(Momento Extraordinário de Oração, 27 de março de 2020)

“Diz-se que quando alguém está zangado com o Senhor, ou se afastou, Nossa Senhora permanece sempre perto para lhe abrir o caminho, a fim de poder regressar. É um ditado. O Senhor está sempre próximo de nós, mas Nossa Senhora é a Mãe, e a mãe está sempre mais próxima do que o pai. Sempre. Por quê? Porque é assim! As mães são assim, e isto é ótimo. Que aprendam a ser cristãos!”

(Homília, 8 de janeiro de 2023)

“Sonho com uma comunicação que saiba fazer de nós companheiros de viagem de tantos irmãos e irmãs nossos para, em tempos tão conturbados, reacender neles a esperança. Uma comunicação que seja capaz de falar ao coração, de suscitar não reações impetuosas de fechamento e raiva, mas atitudes de abertura e amizade; capaz de apostar na beleza e na esperança mesmo nas situações aparentemente mais desesperadas; de gerar empenho, empatia, interesse pelos outros. Uma comunicação que nos ajude a reconhecer a dignidade de cada ser humano e a cuidar juntos da nossa casa comum.”

(Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, 24 de janeiro de 2025)

“Deus está sempre próximo de nós. A atitude de Deus pode ser expressa em três palavras: proximidade, compaixão e ternura. Deus que se aproxima para nos acompanhar, terno, e para nos perdoar. Não vos esqueçais disto: proximidade, compaixão e ternura. É esta a atitude de Deus.”

(Angelus, 4 de fevereiro de 2024)

